

P.C. CAST + KRISTIN CAST



esco(h)ida

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

Tradução: Susana Serrão



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Este livro é para todos vocês que me mandaram e-mails
a pedir mais e mais e mais da Zoey e da malta.
Adoramos-vos!*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à nossa fabulosa agente, Meredith Bernstein, que teve a ideia da escola de etiqueta para vampyros. Um enorme agradecimento à nossa equipa na editora St. Martin's: Jennifer Weis, Stefanie Lindskog, Katy Hershberger, Carly Wilkins e aos génios por detrás do excelente design para as capas e a campanha de marketing.

Da P.C.:

Obrigada a todos os meus alunos que me estão sempre a pedir que os inclua nestes livros, e que os mate. Minha gente, vocês constituem todos belíssimo material de comédia.



esco|hida



PRIMEIRO CAPÍTULO

Pois é, tenho um dia de anos completamente da treta — disse eu para a minha gata, *Nala*.

Há que dizê-lo, eu não sou bem dona dela, pois foi ela quem me escolheu para si. Sabem como são os gatos: não têm donos, têm criados, facto a que eu tento não ligar.

Seja como for, continuei a falar para a gata como se ela bebesse as minhas palavras, o que não é nada o caso.

— Há dezassete anos que aturo a treta de celebrar o meu aniversário a vinte e quatro de dezembro. Já estou habituada. Não tem importância nenhuma. — Sabia que estava a dizer isto só para me convencer. *Nala fez miauff* na sua vizinha de velhota rabugenta e depois começou a lambar as partes pudendas, mostrando claramente saber que eu é que estava na conversa da treta.

— É assim — continuei, enquanto esbatia o risco de lápis que fizera nos olhos (e esbater é a palavra de ordem, pintar os olhos para ficar com cara de panda não é o meu estilo; aliás, não devia ser estilo para ninguém). — Vou receber um monte de prendas bem-intencionadas que não são bem prendas de aniversário, mas sim coisas alusivas ao Natal, porque tentam sempre meter o Natal e os meus anos no mesmo saco, e não é coisa que me agrade

mesmo nada. — Olhei para os grandes olhos verdes de *Nala* ao espelho. — Mas vamos sorrir e fingir que não nos importamos com as prendas natalícias parvinhas, porque as pessoas não percebem que não podem meter os anos de alguém no mesmo saco do Natal. Não, se quiserem agradecer.

Nala espirrou.

— É mesmo assim que eu me sinto, mas vamos ser simpáticas, porque ainda é pior quando eu digo alguma coisa. Depois recebo prendas más e toda a gente fica chateada e fica tudo muito constrangedor. — *Nala* não parecia convencida, e voltei a dar atenção ao meu reflexo no espelho. Por segundos achei que poderia ter exagerado no lápis dos olhos, mas observei melhor, e o motivo de ter os olhos tão grandes não era culpa de uma coisa tão simples quanto a maquiagem. Embora já tivessem passado dois meses desde que eu fora Marcada para vir a ser vampyra, a tatuagem em forma de meia-lua cor de safira entre os meus olhos, e a complexa filigrana de tatuagens rendadas que me emoldurava o rosto, ainda tinham o condão de me surpreender. Passei a ponta do dedo pelas espirais azuis da cor das pedras preciosas. Depois, quase sem dar por isso, puxei o colarinho já largo da camisola preta para baixo e contemplei o ombro esquerdo. Sacudi o cabelo preto comprido para destapar o invulgar padrão de tatuagens, o qual começava na base do pescoço e se espalhava pelo ombro e pelo flanco abaixo, até ao fundo das costas. Como sempre, a contemplação das tatuagens causava-me um arrepio que era um misto de assombro e de medo.

— Não és como os outros — sussurrei para a minha imagem. Depois pigarreei, e continuei numa voz muito espevitada. — E não faz mal não ser como os outros. — Revirei os olhos para mim própria. — Enfim. — Olhei para cima da minha cabeça, meio admirada por não se ver. Quer dizer, eu sentia mesmo a astronómica nuvem negra que pairara sobre mim o mês todo. — Raios, até me admira que não esteja a chover aqui. E não seria uma maravilha para o meu cabelo? — Perguntei à minha imagem, em tom sarcástico. Depois suspirei, e peguei no envelope que estava em cima da secretária. Gravado a ouro por cima do remetente cintilante, FAMÍLIA HEFFER.

esco|hida

— Por falar em depressões... — resmunguei.

Nala tornou a espirrar.

— Tens razão. Mais vale despachar isto. — Abri o envelope com relutância e tirei o cartão. — Raios me partam. É pior do que eu pensava. — Havia uma cruz de madeira enorme na parte da frente do cartão. Pregado no meio da cruz (com um prego ensanguentado) estava um papel com ar de pergaminho. Tinha escrito (a sangue, claro): *Ele É o motivo desta época*. Dentro do cartão, impresso em letra de forma (vermelha): FELIZ NATAL. Por baixo, na letra da minha mãe, dizia: *Espero que te lembres da tua família nesta altura abençoada do ano. Parabéns, Querida, da Mãe e do Pai*.

— Mas que típico — disse eu para *Nala*. Até me doía o estômago. — E ele não é meu pai. — Rasguei o cartão em dois, atirei-o para o cesto dos papéis, e fiquei a olhar para os bocados. — Quando os meus pais não me ignoram, insultam-me. Prefiro ser ignorada.

Bateram à porta e até me assustei.

— Zoey, toda a gente quer saber onde estás. — Era a voz de Damien.

— Espera aí – estou quase pronta — bradei, dei a mim própria um abanão mental, mais uma olhadela no espelho e decidi, muito na defensiva, deixar o ombro nu.

— As minhas Marcas são diferentes de todas as outras. Mais vale contentar os basbaques enquanto vão tagarelando — resmunguei.

Depois suspirei. Não costumo ser tão rabugenta, mas a treta dos meus anos, a treta dos meus pais...

Não. Não podia continuar a mentir a mim própria.

— Quem me dera que a Stevie Rae estivesse aqui — sussurrei.

E era isto, o que me fizera fugir dos meus amigos (incluindo namorados – os dois) no último mês, e armar-me em nuvem negra, grande, empapada e nojenta. Tinha saudades da minha melhor amiga e antiga companheira de quarto, a quem toda a gente vira morrer um mês antes, mas que eu sabia ter-se transformado numa criatura da noite, morta-viva. Por mais que isso pareça melodramático e filme de segunda categoria. A verdade é que, naquele momento, quando Stevie Rae devia estar lá em baixo entretida com os pormenores do

meu aniversário, ela estava escondida algures nos velhos túneis de Tulsa, a conspirar com outras criaturas mortas-vivas, que eram mesmo más, e cheiravam mesmo mal.

— Z, estás bem? — Era outra vez a voz de Damien, a interromper a minha tagarelice mental. Peguei em *Nala*, sempre queixosa, virei costas ao cartão horroroso de Natal-Aniversário das minhas unidades parentais, saí porta fora, e quase derrubei um Damien que parecia preocupadíssimo.

— Desculpa... desculpa — tartamudeei. Ele começou a andar ao meu lado, a lançar-me olhares de soslaio.

— Nunca vi ninguém que ficasse tão pouco entusiasmada quanto tu por fazer anos — disse ele.

Larguei *Nala*, que se debatia, e encolhi os ombros, a tentar fazer um sorriso despreocupado.

— Estou só a treinar para quando for velha e relha – tipo aos trinta – e tiver de mentir quanto à minha idade.

Damien parou e virou-se para me encarar.

— Muito *beeeeem* — começou ele, a arrastar a voz. — Todos sabemos que as vampes trintonas ainda parecem ter vinte anos e continuam todas boas. Aliás, vampes com cento e trinta anos ainda parecem ter vinte anos e continuam todas boas. Portanto, mentires sobre a idade não está com nada. O que se passa contigo?

Hesitei, a tentar perceber o que devia e não devia contar a Damien; ele ergueu uma sobrancelha perfeitamente aparada e, na sua melhor voz de mestre-escola, declarou:

— Sabes bem como a minha gente é sensível às emoções, portanto bem podes desistir e contar-me a verdade.

Tornei a suspirar.

— Vocês são tão intuitivos, não é normal.

— Assim são os maricas: poucos, orgulhosos, hipersensíveis.

— Maricas não é um termo pejorativo?

— Se for usado por um, não é. A propósito, estás a empatar e não me convences. — Ele pôs mesmo a mão na anca e começou a bater o pé.

esco|hida

Sorri-lhe, mas soube que não sorria com os olhos. Com uma intensidade que me surpreendeu, quis, súbita e desesperadamente, contar a verdade a Damien.

— Tenho saudades da Stevie Rae — saiu-me antes que me pudesse impedir.

Ele não hesitou. — Eu sei. — Tinha os olhos tão brilhantes que era suspeito.

E pronto. Como um dique que se tivesse aberto dentro de mim, as palavras jorraram.

— Ela devia estar aqui! Estaria num torvelinho, que nem louca, a decorar tudo para os meus anos e até a fazer um bolo.

— Um bolo mesmo mauzinho — disse ele, e fungou ligeiramente.

— Pois, mas seria uma das *receitas preferidas da mãezinha* dela. — Fiz o meu melhor sotaque do Oklahoma, a imitar a fala cantante de Stevie Rae, o que me fez sorrir no meio das lágrimas, e pensei como era estranho que agora que deixava Damien ver o mal que me sentia – e a razão – o meu sorriso já chegava aos olhos.

— E eu e as Gémeas íamos chatear-nos, porque ela ia insistir que usássemos todos aqueles chapelinhos de aniversário com o elástico que deixa vergões no queixo. — Damien estremeceu, a fingir – mas pouco – estar horrorizado. — Credo, que coisa mais feia.

Ri-me, e senti parte do aperto que tinha no peito a aliviar.

— Há qualquer coisa na Stevie Rae que me faz sentir bem. — Só percebi que falara no presente quando vi o sorriso lacrimajante de Damien fraquejar.

— Pois, ela *era* maravilhosa — disse ele, e sublinhou bem o passado, a olhar para mim como se receasse pela minha sanidade mental.

Se ao menos ele soubesse a verdade. Se ao menos eu lha pudesse contar.

Mas não podia. Se contasse, eu ou Stevie Rae, ou até as duas, poderíamos morrer. E dessa vez, para sempre.

Por conseguinte, agarrei no braço do meu amigo obviamente aflito e comecei a puxá-lo para a escada que dava para a sala co-

num do dormitório das raparigas, e onde estavam à espera os meus amigos (e suas prendas parvinhas).

— Vamos lá. Estou a sentir uma grande vontade de abrir prendas — menti entusiasticamente.

— Oh, meu Deus! Estou em pulgas para abrires a minha! — Exclamou Damien. — Levei séculos para a encontrar!

Sorri e assenti, como devia ser, e Damien continuou a falar da sua Demanda pela Prenda Perfeita. Regra geral, ele não parece assim tão *gay*. Não é que o fabuloso Damien Maslin não seja *gay*. É completamente *gay*. Mas também é um giraço alto, moreno, de olhos grandes que daria um belíssimo namorado (e dá, para quem for rapaz). Não costuma pôr-se com ademanos, mas fale-se em compras e o rapaz mostra mesmo trejeitos femininos. Não é que eu não goste disso nele. Acho que fica muito giro quando se entusiasma com a importância de comprar sapatos mesmo bons, e naquele momento a tagarelice dele era um bálsamo. Ajudava a que eu me preparasse para enfrentar as prendas mazinhas que (infelizmente) me aguardavam.

Era uma pena que não me ajudasse a enfrentar o que me incomodava realmente.

Ainda a falar da sua Demanda nas Compras, Damien levou-me pela sala comum do dormitório. Acenei para os vários grupinhos de raparigas em frente às televisões de ecrã plano, e dirigimo-nos para a saleta que servia de biblioteca e sala de informática. Damien abriu a porta e os meus amigos lançaram-se a cantar-me os Parabéns, completamente desafinados. Ouvi *Nala* bufar e, pelo canto do olho, vi-a sair pela porta e trotar pelo corredor abaixo. *Cobardolas*, pensei, embora desejasse poder fugir como ela.

Acabada a cantoria (felizmente), a minha malta rodeou-me.

— Parabéns! — Disseram as Gémeas em coro. Pronto – elas não são gémeas biológicas. Erin Bates é uma rapariga muito branca de Tulsa, e Shaunee Cole é uma rapariga amorosa cor de caramelo, Jamaicana-Americana, nascida no Connecticut, mas as duas são tão anormalmente parecidas que a cor da pele e a geografia não fazem diferença absolutamente nenhuma. São gémeas na alma, o que é muito mais íntimo do que a biologia.

esco|hida

— Feliz Aniversário, Z — disse uma voz funda e sensual que eu conhecia muito, muito bem. Saí da sanduíche das gêmeas e entrei nos braços do meu namorado, Erik. Bem, Erik é um dos meus dois namorados, o outro é o Heath, um adolescente humano com quem eu namorei antes de ser Marcada, e com quem não devia andar agora, mas suguei-lhe o sangue por acaso e agora houve Impressão entre nós, e portanto ele é meu namorado por omissão. Sim, é uma confusão. Sim, o Erik não gosta nada. Sim, estou à espera que ele me deixe por causa disso, a qualquer momento.

— Obrigada – murmurei a olhar para ele, e deixei-me apanhar outra vez naqueles olhos incríveis. Erik é alto e giro, com cabelo preto à Super-homem e uns olhos incrivelmente azuis. Descontraí-me nos braços dele, um mimo de que não desfrutei muito neste último mês, e fiquei um bocadinho a deleitar-me com o seu cheirinho bom e a sensação de segurança que sinto quando estou ao pé dele. Ele olhou para mim e, tal como nos filmes, por segundos foi como se toda a gente desaparecesse e fôssemos só nós. Ao ver que eu não me apartava dele, ele fez um sorriso lento e algo admirado, coisa que até me cortou o coração. Eu andava a fazer o miúdo suar as estopinhas – e ele nem compreendia porquê. Num impulso, pus-me em bicos de pés e beijei-o, para gáudio dos meus amigos.

— Então, Erik, não queres partilhar esse docinho de aniversário? — Shaunee mexeu as sobrancelhas em jeito provocante para o meu namorado sorridente.

— Pois, coisa maí'linda — disse Erin e, como sempre nas Gêmeas, imitou o trejeito de Shaunee. — E que tal um beijinho de aniversário para estes lados?

Revirei os olhos para as Gêmeas.

— O aniversário não é *dele*. Só se pode beijar quem faz anos.

— Caraças — disse Shaunee. — Eu adoro-te, Z, mas não te quero beijar.

— Francamente, já chega de beijos ao mesmo sexo — disse Erin, e depois sorriu para Damien (que olhava embevecido para Erik). — Deixo isso para o Damien.

— Hã? — Fez Damien, claramente a dar mais atenção à beleza de Erik do que às Gémeas.

— Mais uma vez dizemos — começou Shaunee.

— Equipa errada! — Terminou Erin.

Erik riu-se com vontade, deu um soco muito macho no braço de Damien, e disse:

— Ora, se eu decidir mudar de equipa, tu serás o primeiro a saber. — Mais uma razão para eu o adorar. Ele é ultra-fixe e popular, mas aceita as pessoas como elas são, e nunca tem a mania de que é bom.

— Hum, espero ser eu a primeira a saber se tu mudares de equipa — disse eu.

Erik riu-se, abraçou-me e sussurrou-me ao ouvido:

— Não é coisa com que tenhas de te ralar.

Estava eu a pensar seriamente em roubar outro beijo a Erik quando entrou na sala um mini-remoinho, na pessoa do namorado de Damien, Jack Twist.

— Boa! Ela ainda não abriu as prendas. Parabéns, Zoey! — Jack abraçou-nos (sim, a mim e a Damien) e apertou-nos com força.

— Eu disse-te para te despachares — repreendeu Damien, quando nos apartámos.

— Eu sei, mas tinha de ficar *mesmo bem* embrulhado — disse Jack. Com um floreado que só um *gay* pode fazer bem, ele levou a mão à bolsa que tinha ao ombro e tirou uma caixa embrulhada em papel de alumínio encarnado, com um laço verde brilhante, tão grande que quase engolia a embalagem toda.

— Fui eu quem fez o laço.

— O Jack tem muito jeito para trabalhos manuais — disse Erik. — Só não tem jeito para os arrumar.

— Desculpa — disse Jack com doçura. — Prometo que arrumo tudo logo depois da festa.

Erik e Jack são companheiros de quarto, o que só comprova o bom carácter do primeiro. Erik é quintanista (em linguagem comum, está quase formado) e também o tipo mais popular da escola. Jack é terceiranista (caloiro), um miúdo novo, giro mas um bocadinho tolo, e completamente *gay*. Erik podia ter feito um grande alari-

esco|hida

do por ter de ficar com um maricas, e podia ter-se esquivado de ser companheiro de quarto dele, e fazer a vida de Jack na Casa da Noite um inferno. Nada disso, começou logo a tomar conta dele e trata-o como a um irmão mais novo, tratamento esse extensivo a Damien, que namora oficialmente com Jack faz hoje duas vírgula cinco semanas (todos sabemos porque Damien é estupidamente romântico, e comemora os aniversários do meio da semana, e também da semana completa; pois, até dá vontade de vomitar – mas na boa).

— Estão a ouvir? Falando de prendas! — Exclamou Shaunee.

— Pois, traz esse laço gigantesco para a mesa das prendas e deixa a Zoey abrir — mandou Erin.

Ouvi Jack sussurrar para Damien, «Gigantesco?» e vi o ar implorativo de Damien, quando assegurou a Jack, «Não, está perfeito!»

— Eu levo-o para a mesa e abro-o primeiro. — Tirei-lhe a caixa, corri para a mesa, comecei a tirar o gigantesco laço verde do papel encarnado, e disse:

— Acho que vou guardar este laço, é tão giro. — Damien piscou-me o olho com ar agradecido. Ouvi Erin e Shaunee a rirem-se e consegui dar um pontapé a uma delas, coisa que calou as duas. Pus o laço de lado, desembulhei e abri a caixa e tirei...

Oh, senhores.

— Um globo de neve — disse eu, a tentar parecer contente.

— Com um boneco de neve dentro. — Pronto, um globo de neve com boneco de neve *não* é prenda de anos. É enfeite de Natal. Enfeite de Natal foleiro, ainda por cima.

— Pois é! Pois é! E ouve só a música que tem! — Exclamou Jack, quase aos saltinhos de excitação, a tirar-me o globo e a rodar um botão na base. A canção «Frosty the Snowman» começou a tocar, em notas dolorosamente reles e desafinadas.

— Obrigada, Jack. É muito bonito — menti.

— Ainda bem que gostas — disse Jack. — É uma espécie de tema para os teus anos. — Depois olhou para Erik e Damien. Os três sorriram como rapazinhos malandros.

Afivelei um sorriso na cara.

P. C. CAST + KRISTIN CAST

— Pois, bom. É melhor abrir a prenda seguinte.

— A minha! — Damien passou-me uma caixa comprida e mole.

De sorriso afivelado, comecei a abrir a caixa, embora tivesse muita vontade de me transformar em gata, de bufar e de fugir da sala.

esco|hida



SEGUNDO CAPÍTULO

Oh, é lindo! — Passei a mão pelo tecido do lenço dobrado, completamente chocada por ter recebido mesmo uma prenda gira.

— É de caxemira — anunciou Damien, todo emproado.

Tirei-o da caixa, encantada por ser de cor creme brilhante e chique, em vez de encarnado ou verde como as prendas natalícias que costumo receber. Nisto, parei, pois apercebi-me de que cantara vitória cedo de mais.

— Vês os bonecos de neve bordados nas pontas? — Perguntou Damien. — Não são amorosos?

— Pois, amorosos — respondi. Pois – *para o Natal*, são amorosos. Para prenda de anos, nem por isso.

— Muito bem, nós somos a seguir — disse Shaunee, e passou-me uma caixa grande mal embrulhada em papel verde com arvorezinhas de Natal.

— E não respeitámos o tema do boneco de neve — disse Erin, a franzir o sobrolho para Damien.

— Pois, ninguém nos disse nada — Shaunee também fez má cara para Damien.

— Não faz mal! — Exclamei, muito depressa e muito excitada, e comecei logo a rasgar o embrulho. Dentro da caixa estava um par de botas pretas altas, que seriam completamente estilosas e chiques e fabulosas... se não fossem as árvores de Natal, cheias de enfeites encarnados e dourados, bordadas em grande destaque na lateral das botas. Isto – Só – Pode – Ser – Usado – No – Natal. O que faz delas uma prenda de anos completamente parva.

— Oh, obrigada — tentei mostrar-me efusiva. — São muito giras.

— Levámos um tempão a encontrá-las — disse Erin.

— Pois, botas simples não servem para a Menina Nascida a Vinte e Quatro — declarou Shaunee.

— Pois não. Botas pretas altas e simples não servem mesmo — disse eu, cheia de vontade de chorar.

— Falta uma prenda.

A voz de Erik tirou-me do buraco negro daquela depressão de aniversário natalício.

— Ah, mais uma? — Só me restava esperar ser a única a perceber que o meu tom de voz se traduzia em «Ah, mais uma prenda que, tragicamente, não é prenda nenhuma?»

— Sim, mais uma. — Quase com timidez, ele passou-me uma caixinha rectangular. — Espero mesmo que gostes.

Olhei para a caixa antes de lhe pegar e quase guinchei com a surpresa. Erik tinha na mão uma prenda embrulhada em papel dourado e prateado, com um autocolante da Joalheria Moody's (juro que até se ouvia a *Aleluia* de Haendel em ruído de fundo).

— É da Moody's! — Saiu-me como se estivesse sem fôlego, mas não pude evitar.

— Espero que gostes — repetiu Erik, e levantou a mão e ofereceu-me a caixinha dourada e prateada como se fosse um tesouro.

Rasguei o papel de embrulho e viu-se uma caixa de veludo preto. Veludo. Juro. Veludo a sério. Mordi o lábio para não desatar às risadinhas, sustive a respiração e abri-a.

A primeira coisa que vi foi a corrente de platina resplandecente. Emudecida de felicidade, os meus olhos percorreram a cor-

esco|hida

rente até chegarem às pérolas lindíssimas que estavam aninhadas no veludo fofinho. Veludo! Platina! Pérolas! Suguei ar para poder começar a dizer *oh meu Deus Erik és o melhor namorado de sempre*, quando me apercebi do formato estranho das pérolas. Teriam defeito? A fabulosamente exclusiva e espantosamente cara Joalheria Moody's teria enganado o meu namorado? E depois compreendi o que tinha diante dos olhos.

As pérolas tinham a forma de bonecos de neve.

— Gostas? — Perguntou Erik. — Quando o vi, até me chamou, a gritar Aniversário da Zoey, e tive de o comprar para ti.

— Sim. Gosto. É... único — consegui dizer.

— Foi o Erik quem se lembrou do tema dos bonecos de neve! — Exclamou Jack, todo contente.

— Não era bem um tema — disse Erik, um bocadinho corado. — Achei que seria diferente, e não como os corações e afins que toda a gente recebe de prenda.

— Pois, corações e afins são mesmo típicos de aniversários. Quem é que gosta? — Perguntei.

— Deixa que eu ponho-to — disse Erik.

Não havia mais nada a fazer, senão levantar o cabelo e deixar que Erik me pusesse a delicada corrente ao pescoço. Senti o boneco de neve a pesar-me, repulsivo de tão festivo, logo acima do decote.

— É giro — proferiu Shaunee.

— E muito caro — asseverou Erin. As Gémeas assentiram as duas com a cabeça em sinal de aprovação.

— Combina com o meu lenço na perfeição — sentenciou Damien.

— E com o meu globo de neve! — Acrescentou Jack.

— É mesmo um tema de aniversário natalício — disse Erik, e lançou às Gémeas um olhar envergonhado, e elas brindaram-no com sorrisos condescendentes.

— Pois é, é mesmo um tema de aniversário natalício — disse eu, a mexer na pérola do boneco de neve. Depois brindei toda a gente com um sorriso radioso muito afectado.

— Obrigada, malta. Agradeço mesmo o tempo e o esforço de todos em encontrar prendas tão especiais. A sério. — E falava a sério. Posso detestar as prendas, mas o que contava era a intenção.

Os meus amigos completamente incautos juntaram-se e demos todos um abraço muito desajeitado, o que nos fez desatar à gargalhada. Nesse momento, a porta da sala abriu-se e a luz que entrava do corredor incidiu num cabelo muito louro e muito volumoso.

— Toma.

Felizmente, os reflexos típicos de quem se está a transformar numa vampyra funcionaram, e apanhei a caixa que ela me atirou.

— Chamaram do correio enquanto aqui estavas com a tua manada de marados — zombou ela.

— Vai-te embora Afrodite, sua megera — disse Shaunee.

— Antes que te mandemos água para cima e te dissolvas — acrescentou Erin.

— Não interessa — disse Afrodite. Começou a virar-se, mas lançou-me um sorriso amplo e inocente, antes de dizer:

— Que lindo colar de bonecos de neve. — Entreolhámo-nos, e juro que ela me piscou o olho, antes de sacudir o cabelo e se esgueirar dali, o riso dela a pairar atrás dela como uma bruma.

— É mesmo cabra — disse Damien.

— Dir-se-ia que aprendera a lição quando lhe tiraste as Filhas das Trevas, e a Neferet proclamou que a Deusa revogara os dons que concedera a Afrodite — disse Erik. — Mas a rapariga nunca há-de mudar.

Lancei-lhe um olhar acutilante. *Assim fala Erik Night, ex-namorado dela.* Não foi preciso dizer as palavras em voz alta. Soube, pela maneira como Erik desviou rapidamente o olhar, que ele as lera facilmente nos meus olhos.

— Não deixes que ela te estrague os anos, Z — disse Shaunee.

— Não liguês à megera odiosa. Ninguém liga — disse Erin.

Erin tinha razão. Desde que o egoísmo de Afrodite fizera com que ela fosse publicamente escorraçada da liderança das Filhas das Trevas, o grupo de estudantes mais prestigiado da escola, e eu fora nomeada para o cargo de líder das Filhas das Trevas e sacerdotisa em

esco|hida

formação, que ela perdera o seu estatuto de iniciada mais popular e poderosa. A nossa Sumo-Sacerdotisa, Neferet, que também era minha orientadora, deixara bem claro que a nossa deusa, Nyx, revogara os seus favores a Afrodite. Em suma, Afrodite fora ostracizada, quando antes estava num pedestal de popularidade e era venerada.

Infelizmente, eu sabia que havia mais nesta história do que toda a gente pensava. Afrodite usara as suas visões, que não lhe tinham sido *nada* revogadas, para salvar a minha avó e o Heath, o meu namorado humano. Claro que continuara a ser uma megera egoísta, mas mesmo assim. Heath e a Avó estavam vivos, e grande parte do mérito deve-se a Afrodite.

Mais, recentemente eu descobrira que Neferet, a nossa Sumo-Sacerdotisa – minha orientadora, a vampe mais respeitada na escola – também não era quem aparentava ser. Aliás, eu estava quase a crer que Neferet era tão maléfica quanto poderosa.

As trevas nem sempre equivalem ao mal, assim como a luz nem sempre traz o bem. As palavras que Nyx me dissera, no dia em que eu fora Marcada, passaram-me pela cabeça, resumindo o problema com Neferet. Ela não era quem aparentava ser.

E eu não podia contar a ninguém – pelo menos, a ninguém que estivesse vivo (restava-me a minha melhor amiga morta-viva, com quem eu não conseguira falar o mês todo). Felizmente que também não tivera de falar com Neferet o mês todo. Ela fora para um retiro de Inverno na Europa e só devia voltar no Ano Novo. A minha ideia era arranjar um plano para lidar com ela quando voltasse. Até agora, o meu plano era só isso: arranjar um plano. O que não era plano algum. Caraças.

— Então, o que é que tem a embalagem? — Perguntou Jack, arrancando-me deste pesadelo mental, e fazendo-me voltar ao pesadelo da minha festa de aniversário.

Todos olhámos para a embalagem de papel castanho que eu tinha na mão.

— Sei lá — respondi.

— Aposto que é mais uma prenda de anos! — Exclamou Jack.
— Abre!

— Oh, senhores... — disse eu, mas quando os meus amigos me lançaram olhares confusos, comecei logo a desembulhar a caixa. Dentro do embrulho castanho estava outra caixa, esta embrulhada num bonito papel cor de alfazema.

— É *mesmo* outra prenda de anos! — Guinchou Jack.

— De quem será? — Inquiriu Damien.

Eu estava a pensar o mesmo, e que o papel me fazia lembrar a minha avó, que vivia numa fantástica plantação de alfazema. Mas porque é que ela me mandaria uma prenda por correio, quando eu me ia encontrar com ela naquela noite?

Destapei uma caixa branca e macia, e abri-a. Lá dentro estava outra caixa branca mais pequena, aninhada em papel cor de alfazema. A curiosidade estava a matar-me, pelo que tirei a caixinha do seu ninho de alfazema.

Ficaram pegados vários bocadinhos de papel, cheios de electricidade estática, ao fundo da caixinha agora solta, e sacudi-os antes de a abrir. Caíram em cima da mesa, espreitei para dentro da caixa e saiu-me uma interjeição chocada. Numa cama de algodão branco, estava a pulseira de prata mais bonita que eu já vira. Peguei nela e admirei os pendentes cintilantes. Eram estrelas-do-mar e conchinhas e cavalos-marinhos, cada qual separado por coraçõezinhos amorosos.

— É absolutamente perfeita! — Exclamei, e comecei logo a pô-la no pulso. — Quem será que ma deu? — A rir-me, virei o pulso de um lado para o outro, para que a luz dos candeeiros, tão suave para os nossos olhos sensíveis de iniciados, incidisse na prata polida e a fizesse brilhar como pedras preciosas.

— Deve ser da minha avó, mas é estranho porque nos vamos encontrar daqui a... — E apercebi-me de que toda a gente estava completa, absoluta e confrangedoramente calada.

Deixei de olhar para o pulso e encarei os meus amigos. As expressões deles iam do choque (Damien) à irritação (as Gémeas) e à ira (Erik).

— O que foi?

— Toma — disse Erik, e passou-me um cartão, o qual devia ter caído da caixa com o papel do recheio.

esco|hida

— Ah! — Fiz eu, e reconheci imediatamente a letra desconjuntada. *Raios me partam!* Era de Heath. Mais conhecido como namorado nº 2. Quando li o bilhete, senti a cara a arder e soube que estava a ficar muito corada e muito feia.

Zo – PARABÉNS! Sei o quanto detestas as prendas parvas que te dão, a misturar os teus anos com o Natal, portanto mandei-te uma coisa que tenho a certeza vais gostar. Não é? Não tem nada a ver com o Natal! Estou a detestar as estúpidas Ilhas Caimão e esta seca de férias com os meus pais, e a contar os dias para estar contigo outra vez. Até dia 26! Adoro-te! Heath.

— Ah — fiz outra vez, como uma anormal. — É do... Heath.
— Só me apetecia desaparecer.

— Com franqueza. Francamente. Porque não disseste a ninguém que não gostas que te misturem os anos com o Natal? — Perguntou Shaunee, no seu estilo frontal do costume.

— Pois, só tinhas de dizer alguma coisa — corroborou Erin.

— Pois — disse eu, muito sucintamente.

— Achámos que os bonequinhos de neve eram uma ideia gira, mas deixa de ser se não gostares do Natal — explicou Damien.

— Não é que eu não goste do Natal — disse, à defesa.

— Eu gosto de globos de neve — disse Jack baixinho, com ar de quem ia desatar a chorar. — A neve põe-me feliz.

— Parece que o Heath sabe mais sobre ti do que nós. — A voz de Erik era inexpressiva e sem emoção, mas os olhos estavam escuros de mágoa, e senti o estômago contrair-se-me.

— Não, Erik, não é isso — retruquei logo, e avancei para ele.

Ele recuou como se eu tivesse uma doença pavorosa e contagiosa e, de repente, aquilo chateou-me mesmo. Não era culpa minha que o Heath me conhecesse desde o terceiro ano e tivesse percebido a minha implicância com aniversários natalícios há anos. Pronto, sim, ele sabia coisas sobre mim que eles não sabiam. Não havia nada de mal nisso! O miúdo fazia parte da minha vida há sete anos. Erik e

Damien, as Gémeas e Jack, só há dois meses – ou menos. Como é que isto era culpa minha?

De propósito, lancei um olhar vagaroso para o meu relógio de pulso.

— Vou encontrar-me com a minha avó no Starbucks daqui a um quarto de hora. Não me quero atrasar. — Fui até à porta, mas parei antes de sair da sala, e virei-me para olhar para os meus amigos. — Não queria melindrar ninguém. Lamento que as palavras do Heath vos tenham desagradado – mas a culpa não é minha. E eu contei a alguém que não gosto quando misturam os meus anos com o Natal – contei à Stevie Rae.

esco|hida



TERCEIRO CAPÍTULO

O Starbucks de Utica Square, um centro comercial giro a céu aberto que ficava mesmo ao fundo da rua da Casa da Noite, estava muito mais apinhado do que eu pensara. Quer dizer, claro que estava uma noite de Inverno invulgarmente amena, mas também era dia 24 de Dezembro, e quase nove da noite. Seria de esperar que as pessoas fossem para casa, preparar-se para visões de bombons e sei lá que mais, em vez de andarem à procura de uma injeção de cafeína.

Não, disse severamente de mim para comigo, não vou estar de mau humor para a Avó. Quase nunca a vejo, e não vou estragar o pouco tempo que temos juntas. Além disso, a Avó concordava completamente com o facto de as prendas de aniversário natalício serem uma seca. Ela dá-me sempre algo único e maravilhoso como ela.

— Zoey! Estou aqui!

Na outra ponta da esplanada do Starbucks, vi a Avó a fazer-me sinal. Desta vez não tive de arvorar um sorriso forçado. A onda de felicidade que sentia sempre, só de a ver, era autêntica, e até fiz gincana pela multidão para chegar ao pé dela.

— Oh, Zoeybird! Tive tantas saudades tuas, *U-we-tsi-a-ge-ya!*

— O termo que quer dizer «filha» na língua cherokee envolveu-me,

e os braços quentes e familiares da Avó também, com aquele aroma doce e balsâmico de alfazema que ela trazia sempre. Agarrei-me a ela, a absorver amor e segurança e aceitação.

— Também tive muitas saudades tuas, Avó.

Ela apertou-me mais uma vez e depois afastou-me um pouco.

— Deixa-me olhar para ti. Sim, vê-se que tens dezassete anos. Tens um ar tão mais maduro, e também te acho um pouco mais alta do que quando tinhas apenas dezasseis anos.

Sorri-lhe. — Oh, Avó, sabes bem que não estou nada diferente.

— Claro que estás. Os anos acrescentam sempre beleza e força a certo tipo de mulher – e tu és desse tipo.

— Tu também, Avó. Estás ótima! — E não estava só a dizer por dizer. A Avó tinha montanhas de anos – pelo menos cinquenta e picos – mas a mim parecia-me intemporal. Pois, não era intemporal como as vampyras que parecem vinte e tal aos cinquenta e picos (ou aos cento e cinquenta e picos). A Avó era uma humana intemporal adorável, de farta cabeleira cor de prata e bondosos olhos castanhos.

— Quem me dera que não tivesses de tapar as tuas lindas tatuagens para te encontrares comigo aqui. — Os dedos da Avó tocaram ao de leve na minha face, onde eu passara rapidamente a espessa base de maquilhagem que os iniciados devem usar quando saem do campus da Casa da Noite. Sim, os humanos sabiam que os vampyros existiam – os vampyros adultos não se maquilhavam para isto. Porém, as normas para iniciados eram diferentes. Acho que fazia sentido – os adolescentes nem sempre sabem lidar com conflitos – e o mundo humano ainda era propenso a entrar em conflito com vampyros.

— Tem que ser assim. As normas são para cumprir, Avó — disse eu, e encolhi os ombros.

— Mas não tapaste as Marcas lindas que tens no pescoço e no ombro, pois não?

— Não, é por isso que trago este casaco. — Olhei à nossa volta para ver se ninguém estava a observar-nos, depois sacudi o cabelo para trás e puxei o casaco para baixo, de modo a que a tatuagem cor de safira do pescoço e do ombro ficasse à mostra.

esco|hida

— Oh, Zoeybird, é mesmo uma coisa mágica — disse a Avó baixinho. — Tenho tanto orgulho de que a Deusa te tenha Escolhido como especial e Marcado dessa maneira única.

Tornou a abraçar-me, e agarrei-me a ela, incrivelmente contente por contar com ela na minha vida. Ela aceitava-me como *eu* sou. Não se importava nada que eu me estivesse a transformar numa vampyra. Não se importava nada que eu já sentisse desejo de sangue, e que tivesse poder para corporizar os cinco elementos: ar, fogo, água, terra e espírito. Para a Avó, eu era a sua verdadeira *u-we-tsi-a-ge-ya*, a filha do seu coração, e tudo o que viesse comigo era apenas secundário. Era curioso e maravilhoso que eu e ela pudéssemos ser tão chegadas e parecidas, quando a filha dela, e minha mãe, era tão diferente.

— Cá estão vocês. O trânsito estava um horror. Detesto sair de Broken Arrow e ter de abrir caminho para Tulsa na azáfama das festas.

Como se os meus pensamentos a tivessem tragicamente conjurado, a voz da minha mãe foi um balde de água fria na felicidade que eu sentia. Eu e a Avó largámo-nos e vimos a minha mãe de pé ao lado da nossa mesa, com uma embalagem rectangular da padaria e uma prenda embrulhada na mão.

— Mãe?

— Linda?

Eu e a Avó falámos ao mesmo tempo. Não admirava que a Avó estivesse tão chocada quanto eu pelo aparecimento súbito da minha mãe. A Avó nunca a teria convidado sem me dizer. Nós duas concordávamos em género, número e grau quanto à minha mãe. Primeiro, era uma tristeza para nós. Segundo, desejávamos muito que ela mudasse. Terceiro, sabíamos que o mais certo era não mudar.

— Não façam um ar assim tão admirado. Como se eu não aparecesse na comemoração dos anos da minha própria filha?

— Mas, Linda, quando falei contigo na semana passada, disseste que ias mandar a prenda da Zoey por correio — disse a Avó, com um ar tão aborrecido quanto eu me sentia.

— Isso foi antes de a Mãe dizer que se vinha encontrar com ela. — Disse a Mãe para a Avó, e depois olhou para mim de sobrolho

franzido. — Não é que a Zoey me tenha convidado, mas já estou habituada a ter uma filha pouco atenciosa.

— Mãe, não falas comigo há um mês. Como é que eu te ia convidar para o que quer que fosse? — Tentei manter um tom neutro na voz. Não queria mesmo nada que a visita da Avó degenerasse num dramalhão, mas a minha mãe nem dez frases dissera, e já me estava a chatear solenemente. Tirando a estupidez do cartão de Natal-Aniversário que me mandara, o único contacto que eu tivera com a minha mãe fora quando ela e o seu horroroso marido, o traste do meu padrasto, tinham estado na visita dos pais à Casa da Noite, no mês anterior. Fora um pesadelo completo. O traste, que era Ancião da Igreja do Povo da Fé, estivera com a sua pior atitude tacanha, crítica, beata, e acabara por ser praticamente expulso, com ordens para não voltar. Como sempre, a minha mãe fora a correr atrás dele, como a boa mulherzinha submissa que era.

— Não recebeste o meu cartão? — O tom crispado da Mãe começava a quebrar-se perante o meu olhar firme.

— Sim, Mãe, recebi.

— Vês, tenho pensado em ti.

— Está bem, Mãe.

— Sabes, podias ligar à tua mãe de vez em quando — disse ela, com ar choroso.

Suspirei. — Desculpa, Mãe. As aulas têm sido uma loucura, com as frequências e tudo.

— Espero que tenhas boas notas nesta escola.

— Tenho, Mãe. — Ela fazia-me sentir triste e sozinha e zangada, tudo ao mesmo tempo.

— Bem, ótimo. — A Mãe limpou os olhos e começou a mexer nas embalagens que trouxera. Numa voz alegre obviamente forçada, acrescentou:

— Vamos sentar-nos. Zoey, daqui a pouco podias entrar no Starbucks e ir buscar-nos qualquer coisa para tomar. Ainda bem que a tua avó me convidou. Como sempre, ninguém se lembrou de trazer bolo.

Sentámo-nos e a Mãe começou a tentar tirar a fita adesiva da caixa da pastelaria. Entretanto, a Avó e eu trocámos um olhar de

esco|hida

perfeito entendimento. Eu sabia que ela não tinha convidado a Mãe, e ela sabia que eu detestava bolo de aniversário. Especialmente o tipo de bolo barato e doce demais que a minha mãe encomendava sempre na pastelaria.

Com o tipo de fascínio horrível que os basbaques costumam sentir pelos acidentes de viação, vi a minha Mãe abrir a caixa da pastelaria e mostrar um bolo branco quadrado numa só camada. Tinha escrito a vermelho o típico *Parabéns*, a combinar com estrelícias em cada canto. O contorno era de glacê verde.

— Não parece apetitoso? Bonito e natalício — disse a Mãe, a tentar tirar a etiqueta de desconto da tampa da caixa. Depois parou e olhou para mim, com os olhos muito abertos.

— Mas tu já não festejas o Natal, pois não?

Encontrei o sorriso fingido que usara naquele dia e plantei-o outra vez na cara.

— Festejamos o Solstício de Inverno, que foi há dois dias.

— Aposto que o campus está lindo nesta altura — a Avó sorriu-me e deu-me palmadinhas na mão.

— Porque é que o campus haveria de estar bonito? — O tom crispado voltara à voz da Mãe. — Se não festejam o Natal, porque é que haveriam de enfeitar árvores de Natal?

A Avó adiantou-se-me na explicação.

— Linda, já se festejava o Solstício muito antes do Natal. Os povos antigos já enfeitam *árvores de Natal* — ela deu uma entoação sarcástica às palavras — há milhares de anos. Foram os Cristãos quem adoptaram essa tradição pagã, e não ao contrário. Aliás, a igreja escolheu o dia vinte e cinco de Dezembro enquanto data do nascimento de Jesus para coincidir com as festividades do Solstício. Se bem te lembras, enquanto crescias fomos sempre barrando pinhas com manteiga de amendoim, pendurando maçãs e pipocas e arandos juntos, e enfeitando uma árvore que tínhamos no jardim, a que eu chamava a nossa árvore do Solstício, além da árvore de Natal dentro de casa. — A Avó fez um sorriso meio triste e meio confuso para a filha, antes de se virar para mim.

— E vocês enfeitaram as árvores do campus?

Assenti. — Enfeitámos, estão fantásticas, e os pássaros e os esquilos também estão a adorar.

— Bem, porque não abres as prendas, para podermos comer bolo e beber café? — Perguntou a Mãe, como se eu e a Avó nem tivéssemos dito nada.

A Avó ficou mais animada. — Pois, há um mês que estou ansiosa por te dar esta. — Debruçou-se e tirou duas prendas de baixo do lado dela da mesa. Uma era grande e coberta de papel com cores garridas (e nada natalícias). A outra tinha o tamanho de um livro e vinha embrulhada em papel de cor creme, como se fosse de uma loja chique.

— Abre esta, primeiro. — A Avó chegou-me a prenda coberta e eu desembulhei-a ansiosamente; lá dentro encontrei a magia da minha infância.

— Oh, Avó! Muito obrigada! — Cheguei o rosto à plantinha de alfazema em flor que ela pusera num vaso de barro cor de púrpura, e respirei fundo. O aroma daquela erva maravilhosa trouxe-me visões de dias estivais cheios de preguiça e de piqueniques com a Avó. — É perfeita — disse eu.

— Tive de a fazer crescer à pressa na estufa para ta poder dar em flor. Ah, e vais precisar disto. — A Avó passou-me um saco de papel. — Aqui dentro está uma lâmpada de crescimento e um suporte, para teres a certeza de que ela recebe bastante luz, sem teres de abrir os cortinados do quarto e afectar os olhos.

Sorri-lhe. — Pensas em tudo. — Olhei para a minha mãe, e vi que ela tinha na cara um ar inexpressivo; eu já conhecia aquele ar, queria dizer que ela preferia estar noutra lugar. Quis perguntar-lhe porque se tinha dado ao trabalho de aparecer, mas a dor embargou-me a garganta, coisa que me surpreendeu. Achava que já tinha ultrapassado o facto de ela me poder magoar. Parece que, na verdade, aos dezassete anos não se é assim tão adulta quanto eu pensei.

— Toma, Zoeybird, trouxe-te mais uma coisa — disse a Avó, e passou-me a prenda embrulhada em papel cor de creme. Percebi que ela reparara no silêncio sepulcral da Mãe e que, como

esco|hida

sempre, estava a tentar compensar o facto de a filha dela ser uma mãe desnaturada.

Engoli o nó que tinha na garganta e desembulhei a prenda; era um livro encadernado a pele, evidentemente velho de séculos. Depois reparei no título e até ofeguei.

— *Drácula!* Trouxeste-me um exemplar antigo do *Drácula!*

— Vê a página da ficha técnica, fofinha — disse a Avó, de olhos brilhantes, encantada.

Folheei as primeiras páginas e não pude acreditar no que via.

— Oh, meu Deus! É uma primeira edição!

A Avó ria-se toda contente. — Vira mais umas páginas.

Assim fiz, e vi a assinatura de Stoker no fundo da página do título e datada de Janeiro de 1899.

— É uma primeira edição autografada! Deve ter custado montes de dinheiro! — Lancei-me nos braços da Avó e abracei-a.

— Na verdade, encontrei-a num alfarrabista muito decrepito que ia fechar a loja. Foi uma pechincha. Afinal, é só a primeira edição americana.

— É uma maravilha, Avó! Muito obrigada.

— Bem, eu sei o quanto gostas dessa história de terror e, em virtude dos últimos acontecimentos, achei que seria engraçado e irónico que tivesses uma edição autografada — disse a Avó.

— Sabias que ocorreu Impressão entre Bram Stoker e uma vampyra, e que foi por isso que ele escreveu o livro? — Exclamei e folheei, com o maior cuidado, as páginas espessas, a ver as ilustrações antigas, as quais eram, realmente, um terror.

— Não fazia ideia de que Stoker tivera uma relação com uma vampyra — disse a Avó.

— Eu não chamaria *relação* a ser mordido por um vampyro e a ficar sob o poder deste — sentenciou a minha mãe.

Eu e a Avó olhámos para ela. Suspirei.

— Mãe, é bem possível que um humano e um vampyro tenham uma relação. É disso que trata a Impressão. — Bem, também tratava de sede de sangue e de muito desejo, mais uma ligação psíquica que podia ser deveras desconcertante, coisas que eu

já sabia pela minha experiência com o Heath. Mas não ia falar nisso à Mãe.

A minha mãe estremeceu como se lhe tivesse passado qualquer coisa nojenta pela espinha acima.

— A mim parece-me um nojo.

— Mãe. Não compreendes que há duas alternativas muito específicas para o meu futuro? Uma será tornar-me naquilo a que chamas um nojo. A outra será, algures nos próximos quatro anos, eu morrer. — Não queria abordar este assunto com ela, mas aquela atitude já me estava a chatear regiamente.

— Portanto, preferes ver-me morta ou como uma vampyra adulta?

— Nem uma coisa, nem outra, claro — respondeu ela.

— Linda — atalhou a Avó, e pôs a mão na minha perna debaixo da mesa. — Aquilo que a Zoey está a dizer é que tens de a aceitar e ao novo futuro dela, e que a tua atitude a está a magoar.

— A *minha* atitude! — Achei que a Mãe ia lançar-se numa das suas tiradas sobre «porque é que estás sempre a implicar comigo», mas em vez disso surpreendeu-me, pois respirou fundo e olhou-me nos olhos. — Não queria magoar-te, Zoey.

Por momentos parecia a pessoa de antigamente, a mãe que ela fora antes de se casar com John Heffer e se transformar na Mulher Perfeita da Igreja de Stepford,¹ e eu senti o coração apertado.

— Mas magoas, mãe — dei comigo a dizer.

— Desculpa — disse ela. Depois estendeu-me a mão. — E se tentássemos começar com o pé direito isto do aniversário?

Pus a mão nas dela, sentindo-me esperançada, mas à cautela. Talvez ainda houvesse algo da minha antiga mãe dentro dela. Quer dizer, aparecera sozinha, sem o traste do meu padrasto, o que era praticamente um milagre. Apertei-lhe a mão e sorri.

— Parece-me boa ideia.

¹ *The Stepford Wives* (1972), sátira de terror do romancista norte-americano Ira Levin, adaptada duas vezes ao cinema. As esposas de Stepford são submissas, dedicadas e perfeitas. (N. da T.)

esco|hida

— Então, deves abrir a tua prenda e depois podemos comer bolo — disse a Mãe, chegando-me a prenda que estava ao lado do bolo ainda intocado.

— Muito bem! — Tentei manter uma voz entusiástica, mesmo que a prenda estivesse embrulhada num papel com presépios lúgubres. Aguentei o sorriso até reconhecer a encadernação a pele branca e as folhas com beiras douradas. Com o coração a cair-me aos pés, virei o livro e li: *As Sagradas Escrituras, Edição do Povo da Fé*, gravado em caracteres cursivos e dourados de ar dispendioso. Depois reparei noutro exagero reluzente. No fundo da capa, podia ler-se: *Família Heffer*. Havia um marcador de veludo encarnado com uma borla dourada nas primeiras páginas do livro e, a tentar ganhar tempo para dizer qualquer coisa que não fosse «é uma prenda horrorosa», deixei que as folhas se abrissem onde estava marcado. Depois pisquei os olhos, na esperança de não estar a ver bem. Mas não, estava mesmo lá. O livro abriu-se na página da árvore genealógica. Naquela letra esquisita de canhoto que eu vi logo ser a do Traste, estava escrito o nome da minha mãe, LINDA HEFFER. Havia um traço a ligá-lo a JOHN HEFFER, com a data do casamento deles ao lado. Por baixo dos nomes deles, escritos como se tivéssemos nascido daquela união, estavam os nomes do meu irmão, da minha irmã e meu.

Pronto, o meu progenitor, Paul Montgomery, deixou-nos quando eu era miúda e desapareceu imediatamente da face da terra. De vez em quando, aparecia um cheque estupidamente fraco da pensão de alimentos, sem remetente, mas tirando esses momentos raros, ele já não fazia parte da nossa vida há mais de dez anos. Sim, era um pai de merda. Mas era o meu pai, e John Heffer, que me odiava de morte, não era.

Tirei os olhos daquela árvore genealógica falsa e fitei a minha mãe. A voz saiu-me surpreendentemente firme, calma até, mas por dentro eu era um farrapo de emoções.

— Onde é que estavas com a cabeça quando decidiste que isto seria a minha prenda de anos?

A Mãe pareceu ficar aborrecida com a pergunta.

— Pensámos que gostarias de saber que ainda és parte da família.

— Mas não sou. Não sou há muito tempo, ainda antes de ser Marcada. Tu sabes disso, eu sei disso, e o John sabe disso.

— O teu pai decerto que não...

Ergui a mão para a interromper.

— Não! John Heffer não é meu pai. É teu marido, e mais nada. Escolha tua – não minha. É só o que ele é. — A ferida que sangrava dentro de mim, desde que a minha mãe aparecera, abrira-se e jorrava raiva pelo meu corpo inteiro. — É assim, Mãe. Quando me compras uma prenda, deves escolher algo que aches que eu goste, e não algo que o teu marido me quer impingir.

— Não sabes o que estás a dizer, minha menina — disse a minha mãe. Depois lançou um olhar furibundo à Avó. — Ela herdou este mau feitio de si.

A minha avó ergueu uma sobrancelha cor de prata para a filha e retrucou:

— Obrigada, Linda, deve ser a coisa mais simpática que já me disseste na vida.

— Onde está ele? — Perguntei à minha mãe.

— Quem?

— O John. Onde está ele? Tu não vieste cá por mim. Tu vieste cá porque ele quis que me fizesses uma desfeita, e não é coisa que ele queira perder. Onde está ele?

— Não sei o que queres dizer com isso. — Os olhos dela dardejaram nervosamente, e eu soube que tinha razão.

Levantei-me e chamei pelo passeio abaixo:

— John! Já pode sair, a brincadeira acabou.

Certinho, destacou-se um vulto masculino de trás de umas mesas altas, do outro lado da esplanada, perto da porta do Starbucks. Observei-o enquanto ele vinha até nós, a tentar compreender o que é que a minha mãe vira nele. Era um tipo completamente comezinho. Altura média – moreno, grisalho – queixo fraco – ombros estreitos – pernas esqueléticas. Só quando se olhava nos olhos dele é que se via algo de invulgar, e mesmo assim o

esco|hida

que se via era uma invulgar falta de simpatia. Eu sempre pensara na estranheza que era um tipo tão frio e sem sentimentos a dissertar constantemente sobre religião.

Chegou à nossa mesa e ia abrir a boca, mas antes que ele pudesse falar, atirei-lhe com a «prenda».

— Fique com ela. Não é a minha família e não é a minha fé — declarei, e olhei-o frontalmente.

— Então escolhes o mal e as trevas — disse ele.

— Não. Escolho uma deusa de amor que me Marcou como sua e me deu poderes especiais. Escolho um caminho diferente do seu. Mais nada.

— Como disse, escolhes o mal. — Pousou a mão no ombro da minha mãe, como se ela precisasse do apoio dele para ficar ali sentada. A Mãe tapou a mão dele com a sua e começou a fungar.

Ignorei-o e concentrei-me nela.

— Mãe, por favor não voltes a fazer isto. Se me conseguires aceitar, e se me quiseres ver realmente, liga-me e encontramo-nos. Mas fingires que me queres porque o John te manda é uma coisa que me magoa e que não é boa para nós duas.

— É bom para uma mulher submeter-se à vontade do seu marido — disse John.

Pensei em dizer-lhe o quanto aquilo era machista e condescendente e, muito simplesmente, errado, mas decidi não gastar o meu latim. Por conseguinte, disse-lhe:

— John, vá para o diabo que o carregue.

— Eu queria que te afastasses do mal — disse a Mãe, a choramingar.

A minha avó falou, numa voz triste mas severa.

— Linda, é uma infelicidade que tenhas encontrado e engolido uma crença que tem como um dos seus principais dogmas que ser diferente equivale ao mal.

— Aquilo que a sua filha encontrou foi Deus, e não por mérito seu — redarguiu John.

— Não. A minha filha encontrou-o a si, e é uma triste verdade que ela nunca tenha gostado de pensar pela própria cabeça. Agora

é você quem pensa por ela. Mas aqui vai uma ideia independente que eu e a Zoey lhe deixamos — continuou a Avó, passando-me o vasilhinho de alfazema, a primeira edição do Drácula, e agarrando-me no cotovelo para eu me levantar.

— Estamos na América, e isso quer dizer que você não tem o direito de pensar por nós. Linda, concordo com a Zoey. Se encontrares juízo nessa cabeça e nos quiseres ver, porque nos amas *como nós somos*, telefona-me. Senão, não quero ter mais notícias de ti. — A Avó parou de falar e abanou a cabeça para John, com ar enojado. — Quanto a si, não quero notícias nenhuma, seja em que circunstância for.

Começámos a afastar-nos, e a voz de John foi como um chicote, aguda e cortante de raiva e ódio.

— Oh, mas vão ter notícias minhas, as duas. Há muita gente boa, decente e temente a Deus que está farta de tolerar o vosso mal, que acha que já basta. Não viveremos lado a lado com adoradores das trevas muito mais tempo. Notem bem o que vos digo... não perdem pela demora... já é tempo que se arrependam...

Felizmente não tardámos a deixar de ouvir aquela arenga. Achei que ia chorar quando me apercebi de que a minha querida e doce avó estava a resmungar.

— Aquele homem é realmente um monte de merda.

— Avó! — Exclamei.

— Oh, Zoeybird, acabei de chamar monte de merda ao marido da tua mãe, e em voz alta?

— Sim, Avó, acabaste.

Ela olhou para mim, com os olhos escuros brilhantes.

— Ótimo.

esco|hida



QUARTO CAPÍTULO

A Avó não tentou salvar o resto da minha festa de anos. Atravessámos Utica Square até ao Restaurante Stonehorse, onde decidimos comer um bolo de aniversário decente. Este traduziu-se em dois copos de vinho tinto para a avó, numa cola e numa fatia enorme de bolo do diabo² para mim (e sim, apreciámos a ironia).

A Avó não tentou compor tudo inventando uma tretinha qualquer sobre a minha mãe não ter feito de propósito... ela depois cairia em si... dá-lhe tempo... blá, blá, blá. A maneira da Avó era muito mais prática e tinha montes de estilo.

— A tua mãe é uma mulher fraca que só encontra identidade por meio de um homem — disse ela a bebericar o seu vinho tinto.
— Infelizmente, escolheu um homem mesmo mau.

— Ela nunca vai mudar, pois não?

A Avó tocou-me ao de leve na face.

— Talvez, mas sinceramente duvido, Zoeybird.

— Gosto do facto de não me mentires, Avó — disse eu.

— As mentiras não resolvem nada. Nem sequer tornam as coisas mais fáceis, pelo menos a longo prazo, não. É melhor dizer a verdade e depois limpar uma borrada honesta.

² No original *devil's cake*, típico bolo de chocolate norte-americano. (N.da T)

Suspirei.

— Querida, há alguma borrada que tenhas de limpar? — Perguntou a Avó.

— Há, mas infelizmente não é honesta. — Fiz um sorriso culpado para a Avó, e contei-lhe do desastre que fora a minha festa de anos.

— Sabes, vais ter de resolver a questão dos namorados. O Heath e o Erik só vão aturar-se um ao outro mais este bocadinho. — Levantou os dedos para medir aproximadamente dois centímetros e meio de «bocadinho».

— Pois vou, mas o Heath esteve no hospital quase uma semana depois daquela coisa do assassino em série de que eu o salvei, e depois os pais levam-no às Ilhas Caimão nas férias do Natal. Não o vejo há um mês. Portanto, não tive grande hipótese de fazer alguma coisa quanto à questão Heath e Erik. — Concentrei-me em raspar o fundo do prato em vez de olhar para a Avó. «Aquela coisa do assassino em série» era uma rematada mentira. Eu salvara Heath, mas não fora de algo tão simples quanto um humano tresloucado. Salvara-o de um bando de criaturas de que a minha melhor amiga, Stevie Rae, a morta-viva, fora (e provavelmente ainda era) a líder. Mas não podia contar isso à Avó. Não podia contar isso a ninguém, porque por detrás de tudo estava a Sumo-Sacerdotisa da Casa da Noite, a minha orientadora, Neferet, a qual era demasiado vidente para o meu bem. Parece que não consegue ler os meus pensamentos, não muito bem, pelo menos, mas se eu disser a alguém – e ela ler os pensamentos dessa pessoa – ficaremos todos num grande sarilho.

Mas que stresse.

— Talvez devesse voltar para casa e endireitar as coisas — disse a Avó. Ao ver o meu ar sobressaltado, acrescentou:

— Quer dizer, endireitar a questão das prendas de anos, e não de Heath e Erik.

— Ah, bom. Pois, devia fazer isso. — Calei-me, a pensar no que ela dissera. — Sabes, aquilo é mesmo a minha casa.

— Pois sei. — Sorriu. — E fico feliz por ti. Estás a encontrar o teu lugar, Zoeybird, e tenho orgulho em ti.

esco|hida

A Avó acompanhara-me até onde eu estacionara o meu Carocha clássico, e dera-me um abraço de despedida. Eu agradecera-lhe outra vez as prendas óptimas, e nenhuma de nós falou na minha mãe. Há coisas de que, simplesmente, não faz bem nenhum falar. Dissera à Avó que ia para a Casa da Noite fazer as pazes com os meus amigos, e tencionava fazê-lo. Porém, dei comigo na direcção da baixa. Outra vez.

Naquele último mês, todas as noites em que conseguia arranjar uma desculpa esfarrapada ou escapulir-me sozinha, andara a assombrar as ruas da baixa de Tulsa. Assombrar... resfoleguei de mim para comigo. Era uma excelente palavra para descrever a busca que eu fazia pela minha melhor amiga, Stevie Rae, que morrera um mês antes, e ficara morta-viva.

Pois, era tão estranho quanto isso.

Os iniciados morrem. Todos sabíamos disso. Eu assistira à morte de dois dos três que tinham morrido desde que eu chegara à Casa da Noite. Pronto, toda a gente sabia que podíamos morrer. O que nem toda a gente sabia era que os últimos três iniciados que haviam morrido tinham ressuscitado, ou ganhado vida outra vez, ou... raios partam! Acho que a forma mais fácil de o descrever será dizer que se tornaram no estereótipo do vampiro: mortos-vivos andantes que são monstros sedentos de sangue, sem qualquer réstia de humanidade neles. E cheiravam mal, também.

Eu sabia porque tivera o azar de ver aquilo que, a princípio, pensara serem fantasmas dos dois primeiros iniciados mortos. Depois começaram a ser assassinados adolescentes humanos, e parecia que alguém queria tramar um vampyro qualquer enquanto assassino. Era um nojo, especialmente porque eu conhecia os dois primeiros rapazes que tinham morrido, e a atenção da polícia virou-se para mim por algum tempo. Maior nojo fora quando o Heath tinha sido o terceiro humano a ser levado.

Bem, eu não podia deixar que o matassem. Mais, parece que ocorreu Impressão entre nós, por acaso. Com a ajuda da Afrodite, descobri como usar a Impressão para encontrar Heath. A polícia

achara que eu tinha salvado um Heath bastante escavacado de um assassino em série humano.

O que descobrira eu realmente?

A minha melhor amiga morta-viva e seus sequazes nojentos. Conseguira tirar Heath de lá («lá» eram os antigos túneis do tempo da Proibição, por baixo do depósito abandonado em Tulsa) e confrontara Stevie Rae. Ou o que restava dela.

Compreendem, um dos problemas é que eu não queria crer que a humanidade dela tivesse sido completamente destruída, como parecia ter acontecido com os outros ex-iniciados mortos-vivos e muito mauzinhos que tentavam dar umas dentadas no Heath.

O segundo problema era Neferet. Stevie Rae contara-me que era Neferet a responsável pelo estado morto-vivo deles. Eu sabia que era verdade porque Neferet tinha feito um sortilégio muito forte a mim e ao Heath mesmo antes de a polícia aparecer. Era para nos fazer esquecer tudo o que acontecera nos túneis. Acho que com o Heath deu certo. Em mim só funcionara temporariamente. Recorri ao poder dos cinco elementos para sair do meu sortilégio.

Por conseguinte, resumindo e baralhando. Desde então eu andava ralada com o que raio iria fazer acerca de: primeiro, Stevie Rae; segundo, Neferet; terceiro, Heath. Dir-se-ia ser uma grande ajuda que as minhas três preocupações não andassem por perto naquele último mês, mas não.

— Está bem — disse em voz alta — faço anos, e têm sido uns anos completamente da treta, mesmo para o costume. Portanto, Nyx, vou pedir-te um único favor de aniversário. Quero encontrar a Stevie Rae. — Acrescentei um «se faz favor» apressado (Damien recordar-me-ia que, ao falar com a nossa deusa, é melhor ser educado).

Não estava realmente à espera de espécie alguma de resposta, pelo que, quando as palavras *baixa o vidro da janela* me começaram a flutuar na mente, achei que eram a letra de uma música na rádio. Só que não tinha o rádio ligado, e as palavras não tinham música nelas – mais, estavam dentro da minha cabeça e não dentro do rádio.

Sentindo-me mais do que um bocadinho nervosa, baixei o vidro da janela.

esco|hida

Fizera um calor invulgar a semana toda. Naquele dia o máximo fora quase quinze graus, coisa esquisita para o mês de Dezembro, mas estávamos no Oklahoma, e esquisito era outro termo para caracterizar o tempo no Oklahoma. Não obstante, era quase meia-noite e a noite arrefecera realmente. Não era que me incomodasse. Os vampes adultos não sentem o frio com a mesma intensidade dos humanos. Não, não é por serem bocados de carne fria, morta e reanimada andante (credo, se calhar é isso que a Stevie Rae é). É porque o metabolismo deles é muito diferente do dos humanos. Enquanto iniciada, especialmente uma mais avançada do que a maioria dos miúdos que foi Marcada há dois meses, a minha resistência ao frio já era muito melhor do que a de um miúdo humano. Por conseguinte, o ar fresco que entrava no meu Carocha não me incomodava, e por isso é que achei estranho começar a espirrar e a sentir-me arrepiada.

Ai, que cheiro era aquele? Era como uma cave bafienta, e salada de ovo que não fora refrigerada a tempo, e terra, tudo misturado para fazer uma aragem nojenta a qualquer coisa que era horriavelmente familiar.

— Ah, raios me partam! — Apercebi-me do que me cheirava e guinei o Carocha nas três faixas de sentido único, para estacionar algo a norte do terminal de autocarros da baixa. Quase nem me demorei a subir o vidro da janela e a trancar o carro (se me roubassem a primeira edição do *Drácula*, seria a morte do artista), antes de correr para o passeio, onde fiquei muito direita a cheirar o ar. Apanhei logo o cheiro. Era horroroso de mais para ignorar. Ainda a farejar como um cão atrasadinho, comecei a seguir o meu nariz pelo passeio abaixo, e para longe das luzes reconfortantes do terminal de autocarros.

Dei com ela num beco. A princípio achei que estava debruçada sobre um grande saco do lixo, e até senti o coração apertado. Tinha de a tirar daquele tipo de vida – tinha de arranjar maneira de a manter em segurança até se poder consertar aquela coisa horrorosa que lhe acontecera. *Ou tem de morrer de uma vez por todas*. Não! Bloqueei a minha mente contra este tipo de ideia. Já vira Stevie Rae morrer uma vez. Não ia ver outra.

Porém, antes que eu pudesse chegar até ela e abraçá-la (de respiração suspensa) e dizer-lhe que havia de resolver tudo, o saco de lixo gemeu e mexeu-se e percebi que Stevie Rae não estava a vasculhar o lixo, mas sim a morder o pescoço de uma sem-abrigo!

— Oh, que nojo! Não te importas de parar com isso?

Com uma rapidez inumana, Stevie Rae girou sobre os calcanhares. A sem-abrigo caiu no chão, mas Stevie Rae continuou a agarrá-la por um pulso imundo. De dentes arreganhados e olhos vermelhos incandescentes, ela bufou-me. Eu estava enojada de mais para me assustar ou me passar da cabeça. Acabara de ter um dia de anos mesmo mauzinho, e estava fartinha de pessoas, mesmo de pessoas melhores amigas mortas-vivas.

— Stevie Rae, sou eu. Podes parar de bufar. Além disso, é um cliché vampiresco ridículo.

Ela não disse nada por segundos, e ocorreu-me a ideia terrível de que ela se poderia ter deteriorado, de algum modo, naquele último mês desde que eu a vira, a ponto de ficar como os outros – bestiais e inatingíveis. Senti o estômago dar um salto penoso, mas fitei aqueles olhos vermelhos e revirei os meus.

— Com franqueza, cheiras mesmo mal. Não há duches na Terra dos Mortos-Vivos?

Stevie Rae franziu o sobrolho, o que só melhorou as coisas, pois os lábios taparam os dentes.

— Vai-te embora, Zoey — disse ela. A voz era fria e neutra, o antigo e doce sotaque do Oklahoma parecia agora típico de gente reles que mora em parques de caravanas, mas ela disse o meu nome, e não precisei de mais incentivo.

— Daqui não saio até conversarmos. Deixa lá essa sem-abrigo – credo, Stevie Rae, ela deve ter piolhos e sabe-se lá que mais – e vamos conversar.

— Se quiseres conversar tens de esperar que eu acabe de comer — Stevie Rae inclinou a cabeça para o lado, de uma maneira que mais parecia um insecto. — Se bem me recordo, houve Impressão entre ti e o teu brinquedinho humano? Parece que também gostas de sangue. Queres dar uma dentada? — Ela sorriu e lambeu os dentes.

esco|hida

— Essa foi mesmo maldosa! E para tua informação, o Heath não é o meu brinquedinho. É meu *namorado*, ou um deles, pelo menos. Suguei-lhe o sangue assim como que por acaso. Ia contar-te, mas tu morreste. Portanto, não. Não quero dar dentada nenhuma nessa sem-abrigo. Nem sequer sei onde é que ela andou. — Brindei a coitada da mulher, de olhos arregalados e cabelo empastado, com um sorriso fraco. — Não quis ofender, minha senhora.

— Ótimo. Mais fica. — Stevie Rae começou a curvar-se sobre o pescoço da mulher.

— Pára com isso!

Ela olhou para mim por cima do ombro.

— Já disse, Zoey, vai-te embora. Não tens nada que estar aqui.

— Nem tu — retruquei.

— Essa é uma das muitas coisas em que te enganas.

Quando ela se voltou para a mulher, que chorava e dizia repetidamente, «por favor, por favor», dei uns passos em frente e levantei as mãos acima da cabeça.

— Eu disse para a largares.

A resposta de Stevie Rae foi bufar e abrir a boca para morder o pescoço da mulher. Fechei os olhos e concentrei-me rapidamente.

— Ar, vem a mim! — Ordenei. De imediato, senti o cabelo esvoaçar na brisa que me rodeava. Fiz círculos com uma mão à minha frente, e pensei num mini-tornado. Abri os olhos quando abanei o pulso e lancei o poder do ar na direcção da sem-abrigo chorosa. Tal e qual eu imaginara, o torvelinho rodeou-a e, quase sem despentear a carapinha em que o cabelo de Stevie Rae se transformara, pegou na vítima dela e levou-a pelo beco fora, só a largando quando ela chegara à segurança de um candeeiro.

— Obrigada, ar — murmurei, e senti a brisa acariciar-me o rosto antes de se dissipar.

— Estás a ficar boa nisso.

Virei-me para Stevie Rae. Observava-me com uma expressão obviamente maldosa, como se achasse que eu ia conjurar outro tornado que a sugasse e fizesse desaparecer.

Encolhi os ombros. — Tenho andado a treinar. Basta concentração e controlo. Saberias se andasses a treinar também.

Pelo rosto emaciado de Stevie Rae perpassou uma centelha de dor, tão rápida que fiquei a pensar se a teria mesmo visto, ou apenas imaginado.

— Os elementos nada têm a ver comigo agora.

— Isso é treta, Stevie Rae. Tu tens uma afinidade com a terra. Tinhas antes de morrer, ou coisa assim — vacilei, pois era estranhíssimo estar a falar da morte com uma Stevie Rae morta-viva. — É o tipo de coisa que não desaparece simplesmente. Mais, lembras-te dos túneis? Ainda tinhas a afinidade.

Stevie Rae abanou a cabeça e os caracóis curtos louros, aqueles que não estavam encarapinhados e sujos, balouçaram, e fizeram-me lembrar do aspecto que ela tinha.

— Desapareceu. O que quer que fosse que eu tinha morreu com a parte humana que havia em mim. Tens de aceitar isso e passar à frente. Eu já passei.

— Nunca vou aceitar. Tu és a minha melhor amiga. Não vou passar à frente.

De súbito, Stevie Rae soltou um som desagradável e feroz, e os olhos brilharam como brasas.

— Pareço-te a tua melhor amiga?

Não liguei à maneira como o coração me batia no peito. Ela tinha razão. Aquilo em que se tornara não se parecia nada com a Stevie Rae que eu conhecera. Porém, eu não queria acreditar que ela se tivesse desvanecido completamente. Já tivera vislumbres da minha melhor amiga nos túneis, e isso significava que não podia desistir dela. Apetecia-me chorar, mas em vez disso recompus-me e obriguei-me a falar com naturalidade.

— Bem, nem pensar, não pareces nada a Stevie Rae. Há quanto tempo não lavas o cabelo? E o que é isso que tens vestido? — Apontei para as calças de fato de treino e camisola largueirona, cobertos por uma gabardina preta comprida, cheia de nódoas, como as que os miúdos góticos gostam de usar mesmo com quarenta graus na rua.

esco|hida

— Eu também não pareceria eu mesma se estivesse assim vestida. — Suspirei e dei mais uns passos para perto dela.

— Porque não vens comigo? Eu meto-te no dormitório. Vai ser fácil – praticamente não está lá ninguém. A Neferet não está lá — acrescentei, e depois continuei depressa (pois duvidava que alguma de nós quisesse falar da Neferet naquela altura – raios, nem nunca). — A maioria dos professores está de férias e os miúdos têm ido a casa ver a família. Não se passa absolutamente nada. O Damien, as Gémeas e o Erik nem sequer nos vão incomodar porque estão zangados comigo. Por isso, podes tomar um duche longo e ensaboado, eu arranjo-te roupa a sério, e depois podemos conversar. — Estava a olhá-la nos olhos, e vi o anseio que os enchia. Só durou um instante, mas eu sabia que esse anseio lá estivera. Depois ela desviou o olhar rapidamente.

— Não posso ir contigo. Tenho de me alimentar.

— Não é problema nenhum. Eu arranjo-te que comer na copa do dormitório. Ouve, aposto que arranjo uma tigela de *Lucky Charms* — sorri. — Lembras-te, são magicamente deliciosos – e não têm valor nutritivo absolutamente nenhum.

— Como se os *Conde Chocula* tivessem?

O meu sorriso alargou-se com o alívio de ver Stevie Rae pegar no fio da nossa antiga discussão sobre qual dos nossos cereais de pequeno-almoço preferidos era o melhor.

— Os *Conde Chocula* têm a qualidade do sabor a coco. O coco é um vegetal. É saudável.

Os olhos de Stevie Rae fitaram os meus. Já não estavam encarnados, e ela também não tentava esconder as lágrimas que os enchiam e lhe corriam pelas faces. Avancei automaticamente para a abraçar, mas ela deu um passo atrás.

— Não! Não quero que me toques, Zoey. Não sou quem era. Sou porca e nojenta.

— Então volta para a escola comigo e lava-te! — Supliquei. — Havemos de resolver isto – prometo.

Stevie Rae abanou a cabeça com ar triste e limpou os olhos.

— Não há solução possível. Quando disse que sou porca e nojenta, não me referia ao exterior. O que tu vês no meu aspecto não é nem metade da porcaria que eu sou mesmo por dentro. Zoey, tenho de me alimentar, mas isso não se traduz em cereais nem sandes nem beber cola. Tenho de ter sangue. Sangue humano. Senão — calou-se e vi um arrepio terrível percorrer-lhe o corpo. — Senão, a dor será uma fome lancinante e ardente que eu não aguento. E tu tens que compreender que eu *quero* alimentar-me. *Quero* rasgar pescoços humanos e beber aquele sangue quente tão cheio de terror e raiva e dor que até me deixa tonta. — Tornou a calar-se, desta vez a ofegar.

— Não podes querer mesmo matar pessoas, Stevie Rae.

— Enganas-te, quero.

— Dizes isso, mas eu sei que ainda há partes da minha melhor amiga dentro de ti, e a Stevie Rae não se sentiria bem a bater num cachorrinho, quanto mais a matar alguém. — Apressei-me quando ela abriu a boca para me contradizer. — E se eu te arranjar sangue humano para não teres de matar ninguém?

Naquele tom horrendo desprovido de emoção, ela respondeu:

— Eu gosto de matar.

— Também gostas de estar imunda e fedorenta e com ar nojento? — Estalei.

— Já não me interessa o aspecto que tenha.

— Ai não? E se eu disser que te consigo arranjar umas calças de ganga *Roper*, botas de vaqueira, e uma bonita camisa de manga comprida, muito bem engomada? — Vi-lhe o brilho nos olhos e soube que conseguira chegar à antiga Stevie Rae. Sentia a cabeça à roda, a tentar encontrar a coisa certa a dizer, enquanto ela ainda me dava ouvidos.

— Portanto, é assim: encontramos-nos amanhã à meia-noite — não, espera. Amanhã é sábado. Não há maneira de estar tudo sossegado até à meia-noite para eu me esgueirar. Marcamos às três da manhã no coreto dos jardins do Museu Philbrook. — Calei-me um segundo para lhe sorrir. — Lembras-te de onde fica, não é? — Claro que eu sabia que ela se lembraria do que eu queria dizer. Ela já lá

esco|hiça

estivera comigo, só que nessa noite era ela quem me tentava salvar, e não o contrário.

— Lembro. — Disse-o na mesma voz crispada e fria.

— Pronto, encontramos-nos lá. Levo a tua roupa e também levo sangue. Podes alimentar-te, ou beber, ou isso, e mudar de roupa. Depois podemos começar a tentar resolver isto. — Acrescentei, de mim para comigo, que também levaria água e sabonete e que chamaria a água para que a rapariga se pudesse lavar. Credo, o cheiro era tão mau quanto o aspecto. — Está bem?

— Não vale a pena.

— Não te importas que seja eu a decidir isso? Aliás, ainda não te contei dos horrores da minha festa de anos. Eu e a Avó passámos por uma cena de pesadelo com a minha mãe e o traste do meu padraço. A Avó chamou ao traste «monte de merda».

Stevie Rae soltou uma gargalhada, tão típica dela que até fiquei com os olhos marejados de lágrimas e tive de os piscar freneticamente para elas desaparecerem.

— Por favor, aparece — pedi, numa voz rouca de emoção. — Tenho tantas saudades tuas.

— Apareço — respondeu Stevie Rae. — Mas vais arrepen-der-te.



esco|hida



QUINTO CAPÍTULO

Nessa nota pouco positiva, Stevie Rae rodopiou e lançou-se pela rua fora, para desaparecer naquele fedor tenebroso. Com muito mais lentidão, entrei no meu Carocha. Sentia-me triste e inquieta e tinha demasiado em que pensar para ir directa à escola; assim, fui ao IHOP que estava aberto vinte e quatro horas na parte sul de Tulsa, na Rua 71, pedi um grande batido de chocolate e uma pilha de panquecas com pedacinhos de chocolate, e pus-me a pensar e a comer tudo, tal era o stresse.

Acho que tinha corrido bem com Stevie Rae. Quer dizer, ela concordara em que nos encontrássemos no dia seguinte. E não tentara morder-me, o que já era uma vantagem. Claro que aquilo tudo de tentar comer a sem-abrigo era assaz perturbante, assim como o aspecto e o cheiro completamente nojentos dela. Contudo, por baixo daquele exterior de morta-viva louca e odiosa, juro que ainda consegui sentir a *minha* Stevie Rae, a minha melhor amiga. Iria agarrar-me bem a isso e ver se a conseguia trazer de volta à luz. Em sentido figurado, seja como for. Acho que a luz propriamente dita a incomoda mais a ela do que a mim, ou a vamps adultos. Era de esperar. Os miúdos mortos-vivos nojentos eram decididamente estereótipos vamps. Será que ela entraria em combustão à luz do Sol? Caraças.

Seria mesmo muito mau, dado que ficáramos de nos encontrar às 3 da manhã, meras horas antes de amanhecer. Caraças mesmo.

Como se não bastasse ralar-me com a luz do Sol e sei lá que mais, tinha de começar a pensar naquilo que iria fazer quando todos os profes (Neferet em particular) voltassem para a escola, num futuro demasiado próximo, e no facto de ter de esconder de toda a gente o conhecimento de que Stevie Rae estava morta-viva, e não morta mesmo. Não. Ralar-me-ia com isso depois de tratar de Stevie Rae e de a levar para local seguro. Iria simplesmente dar um passinho de cada vez e contar que Nyx, a qual me levava claramente até Stevie Rae, me daria uma ajudinha a descortinar as coisas.

Quando cheguei à escola já era quase madrugada. O parque de estacionamento da escola estava quase deserto, e não encontrei ninguém no caminho, que percorri lentamente pela lateral do aglomerado de edifícios semelhante a um castelo, o recinto da Casa da Noite. O dormitório das raparigas ficava no extremo oposto do campus, mas eu ainda não tinha pressa nenhuma. Mais, precisava de fazer uma coisa antes de entrar no dormitório e, muito provavelmente, deparar com pelo menos dois dos meus descoroçados amigos (credo, detesto mesmo, *mesmo*, os meus anos).

O edifício que ficava em frente à estrutura principal da Casa da Noite era feito da mesma mescla estranha de tijoleira e pedras salientes que o resto da escola, mas mais pequeno e mais arredondado; em frente a ele, uma estátua de mármore da nossa deusa, Nyx, de braços erguidos como se as mãos em concha amparassem uma Lua Cheia. Fiquei a olhar para a deusa. Os candeeiros antiquados que alumiam o campus, além de serem benfazejos para os nossos olhos de iniciados em mutação, davam também uma luz suave e quente que tremeluzia como uma carícia e dava vida à estátua de Nyx.

Sentindo-me mais do que esmagada pela deusa, pousei o vaso de alfazema e o livro do Drácula (com cuidado), e pus-me à procura na relva de Inverno na base da estátua de Nyx, até encontrar a vela verde e alta, a qual estava caída de lado. Endireitei-a, fechei os olhos e concentrei-me no calor e na beleza da chama do candeeiro, e

esco|hiça

no facto de uma única vela poder derramar luz suficiente para alterar o ambiente de uma sala escura por completo.

— Chamo o fogo – dá-me luz, se faz favor — sussurrei.

Ouvi o pavio estremejar e senti o assomo de calor bater-me no rosto. Quando abri os olhos, vi que a vela verde, a qual representa o elemento terra, ardia alegremente. Sorri de satisfação. Não fora exagero o que eu contara a Stevie Rae. Andara a praticar a invocação dos elementos durante o mês todo, e estava a ficar mesmo competente nisso (não era que os meus poderes espantosos, concedidos pela deusa, me ajudassem a apaziguar as mágoas dos meus amigos, mas enfim).

Coloquei a vela acesa cuidadosamente aos pés de Nyx. Em vez de curvar a cabeça, inclinei-a para trás, para ficar de rosto aberto e contemplar a majestade do céu nocturno. E depois orei à minha deusa, mas admito que a minha maneira de rezar se parece mais com uma conversa. Não se trata de desrespeito para com Nyx. É simplesmente a minha maneira de ser. Desde o dia em que fui Marcada e que a deusa me apareceu, tenho-me sentido próxima dela – a sensação de que ela se preocupa mesmo com o que acontece na minha vida, ao invés de um Deus Altíssimo sem nome que me olhe de cima, de cenho carregado e um caderno que esteja ansioso por encher com passes directos ao Inferno.

— Nyx, obrigada por me ajudares esta noite. Estou confusa e completamente abalada com a situação da Stevie Rae, mas sei que se me ajudares – se nos ajudares – poderemos ultrapassar isto. Guarda-a bem, por favor, e ajuda-me a saber o que fazer. Sei que me Marcaste e me deste poderes especiais por uma razão, e começo a achar que a razão poderá ter algo a ver com Stevie Rae. Não te vou mentir; estou aterrada. Mas tu sabias a medricas que eu era quando me quiseste — sorri para o céu. Durante a minha primeira conversa com Nyx, disse-lhe que não podia ser Marcada como especial porque só sabia estacionar em espinha. Na altura ela não pareceu importar-se, e eu esperava que isso ainda não tivesse importância nenhuma para ela.

— Seja como for, só queria acender esta vela por Stevie Rae, para simbolizar o facto de que não a vou esquecer, que não vou fugir

daquilo que precisas que eu faça, por mais atadinha que eu seja com os pormenores.

Tencionava ficar ali sentada algum tempo, na esperança de ouvir outro sussurro dentro da minha cabeça quanto à maneira como havia de lidar com Stevie Rae na noite seguinte. Por conseguinte, ainda estava sentada em frente à estátua de Nyx e a olhar para o céu quando a voz de Erik me pregou um susto dos diabos.

— A morte da Stevie Rae deixou-te mesmo muito abalada, não deixou?

Dei um salto e um guincho nada atraente.

— Credo, Erik! Pregaste-me um susto tal que quase fazia chichi nas cuecas. Não te aproximes de mim dessa maneira.

— Pronto. Desculpa. Não te devia ter incomodado. Até logo. — E começou a afastar-se.

— Espera, não quero que te vás embora. Foi a surpresa, mais nada. Da próxima vez pisa uma folha, tosse, ou coisa assim, está bem?

Ele parou e virou-se para mim. Tinha o semblante reservado, mas acenou rapidamente e respondeu: — Está bem.

Pus-me de pé e fiz um sorriso que esperava lhe parecesse encorajador. Amiga morta-viva e namorado humano com Impressão à parte, eu gostava mesmo de Erik, e não queria nada acabar com ele.

— Estou contente por estares aqui. Tenho de pedir desculpas pelo que aconteceu há pouco.

Erik fez um gesto brusco com a mão.

— Não te rales com isso, e não é preciso usares o colar do boneco de neve, podes devolvê-lo e trocá-lo por outro. Como quiseres. Eu guardei o recibo.

A minha mão tocou na pérola em forma de boneco de neve. Agora que o podia perder (e a Erik), apercebi-me subitamente de que até era giro (Erik era mais do que giro).

— Não! Não quero devolvê-lo. — Calei-me e dominei-me para não ter um ar tão neurótico e desesperado. — Pronto, é assim. Há boas probabilidades de eu ser demasiado sensível quanto à questão de fazer anos no Natal. Devia ter-vos realmente contado como me sinto, mas tenho aniversários da treta há tanto tempo que

esco|hida

acho que já nem penso nisso. Ou não pensava, até hoje. E depois já era tarde de mais. Não ia dizer nada, e vocês não ficariam a saber de nada, se não tivesses visto o bilhete do Heath. — Lembrei-me de que ainda tinha no pulso a belíssima pulseira que o Heath me dera, e escondi o braço, desejando que aqueles coraçõezinhos adoráveis parassem de tilintar com tanta alegria. E continuei, com ar perdido:

— E tens razão. A Stevie Rae deixa-me mesmo muito abalada. — Depois calei-me bem calada, pois apercebera-me de que falara (outra vez) na Stevie Rae morta como se ela estivesse viva ou, no caso presente, acho que devo dizer não morta. E, claro, estava a tagarelar como a neurótica desesperada que tentava tanto não parecer.

Parecia que os olhos azuis de Erik viam dentro de mim.

— As coisas seriam mais fáceis para ti se eu me afastasse e te deixasse sozinha algum tempo?

— Não! — Até me fazia dores de barriga. — Não seria nada mais fácil se te afastasses.

— Tu tens estado *tão longe* daqui desde que a Stevie Rae morreu. Compreendo se precisares de espaço.

— Erik, a verdade é que não é só a Stevie Rae. Há mais coisas a acontecerem comigo de que é muito difícil falar.

Ele aproximou-se, pegou-me na mão e entrelaçou os dedos nos meus.

— Não me podes contar? Sou bom a resolver problemas. Talvez possa ajudar.

Olhei para os olhos dele e desejei tanto contar-lhe tudo sobre Stevie Rae e Neferet e até Heath, que até senti o corpo todo a mover-se para ele. Erik fechou o espacinho que faltava entre nós e eu deslizei para os braços dele a suspirar. Cheirava sempre tão bem, parecia sempre incrivelmente forte e sólido.

Encostei a face ao peito dele. — Estás a brincar, claro que és bom a resolver problemas. És bom em tudo. Aliás, estás tão perto da perfeição que não é normal.

Senti o peito dele mexer-se quando ele se riu. — Dizes isso como se fosse uma coisa má.

— Não é uma coisa má – é intimidatório — murmurei.
— Intimidatório! — Afastou-se para poder olhar para mim.
— Só podes estar a gozar! — E riu-se outra vez.
Olhei-o de sobrolho franzido. — Porque te estás a rir de mim?
Ele abraçou-me e respondeu:
— Z, fazes a mais pálida ideia do que é namorar com uma rapariga que é a iniciada mais poderosa na história dos vampyros?
— Não namoro com raparigas. — Não é que tenha alguma coisa contra lésbicas.
Ele pegou-me no queixo e inclinou-me o rosto para trás.
— Consegues ser assustadora, Z. Tu *controlas os elementos*, os elementos todos. É melhor não contrariar uma namorada assim.
— Oh, francamente! Não sejas tolo. Nunca te fulminei. — Não falei do facto de já ter fulminado gente. Mais especificamente, gente morta-viva. Bem, e a ex-namorada dele, Afrodite (que é tão odiosa e chata como os mortos-vivos). Mas talvez fosse melhor ideia não falar no assunto.
— Estou só a dizer que não tens de ficar intimidada por nada. Tu és espantosa, Zoey. Não sabes disso?
— Parece que não. As coisas têm estado algo desfocadas ultimamente.
Erik tornou a afastar-se e olhou para mim.
— Então deixa-me ajudar a focar as coisas.
Senti-me a nadar naqueles olhos azuis. Talvez lhe pudesse contar. Erik era quintanista, estava no meio do seu terceiro ano na Casa da Noite. Tinha quase dezanove anos e era um actor espantosamente talentoso (e também sabia cantar). Se um iniciado soubesse guardar segredo, esse iniciado seria ele. Porém, quando abri a boca para contar a verdade sobre a morta-viva Stevie Rae, tive uma sensação terrível na boca do estômago, e as palavras morreram-me na boca. Era *aquela* sensação outra vez. A sensação que costumo ter nas entranhas, a dizer-me para calar a boca ou fugir a toda a brida ou, por vezes, para respirar fundo e reflectir. Naquele momento dizia-me, de uma maneira impossível de ignorar, que eu tinha de ficar de boca calada, coisa que as palavras de Erik vieram reforçar.

esco|hida

— Ouve, sei que preferirias falar com a Neferet, mas ela só volta daqui a uma semana, ou coisa assim. Posso fazer as vezes dela entretanto.

Neferet era a única pessoa, ou vampyra, a quem eu não podia contar nada em absoluto. Raios, Neferet e a sua clarividência eram a razão de eu não poder contar aos meus amigos, nem a Erik, sobre Stevie Rae.

— Obrigada, Erik. — Acto contínuo, comecei a sair dos braços dele. — Mas tenho que resolver isto sozinha.

Ele largou-me tão de repente que quase caí para trás.

— É ele, não é?

— Ele?

— Aquele humano. Heath. O teu antigo namorado. Ele volta daqui a dois dias e é por isso que estás tão esquisita.

— Não estou esquisita. Não estou assim tão esquisita.

— Então porque é que não me deixas tocar-te?

— O que é que estás a dizer? Eu deixo-te tocar-me. Acabei de te abraçar.

— Durante dois segundos. Depois afastaste-te, como fazes há já algum tempo. Olha, se eu fiz alguma coisa de mal tens de me dizer...

— Não fizeste nada de mal!

Erik nada disse durante alguns minutos, e quando o fez parecia muito mais velho do que os seus dezanove anos, e mais do que um bocadinho triste.

— Não posso competir com uma Impressão. Sei disso. E nem vou tentar. Achei simplesmente que tu e eu tínhamos algo de especial. Vamos durar muito mais tempo do que uma coisa biológica que tu tenhas com um humano. Tu e eu somos idênticos, e tu e o Heath não são. Já não, pelo menos.

— Erik, tu não estás a competir com o Heath.

— Fiz uma pesquisa sobre Impressão. Trata-se de sexo.

Senti a cara a arder. Claro que ele tinha razão. A Impressão era uma coisa sexual porque o acto de beber sangue humano activava o mesmo receptor no cérebro do vampe e do humano que funcio-

nava durante um orgasmo. *Não era que eu quisesse falar disso com Erik.* Em contrapartida, decidi aflorar a superfície dos factos e não aprofundar nada.

— Trata-se de sangue e não de sexo.

Olhou para mim como que a dizer que estava a dizer a verdade (infelizmente). Ele andara a pesquisar.

Como é natural, fiquei na defensiva.

— Ainda sou virgem, Erik, e não estou pronta para mudar isso.

— Eu não disse que tu...

— Parece que me estás a confundir com a tua última namorada — interrompi-o. — Aquela que eu vi de joelhos à tua frente a tentar fazer-te mais sexo oral. — Pronto, não era justo ir buscar este incidente nojento entre Afrodite e ele a que eu assistira por acaso. Na altura nem sequer conhecia Erik, mas de momento parecia mais fácil arranjar discussão com ele do que falar do desejo de sangue que eu sentia mesmo por Heath.

— Não estou nada a confundir-te com a Afrodite — disse ele com os dentes cerrados.

— Bem, talvez isto não seja por causa da minha esquisitice. Talvez seja por tu querereres mais do que eu te posso dar agora.

— Isso não é verdade, Zoey. Sabes muito bem que não te estou a pressionar quanto ao sexo. Não quero alguém como Afrodite, quero-te a ti. Mas quero poder tocar-te sem que tu te afastes de mim como se eu fosse algum leproso.

Será que eu andava a fazer aquilo? Caraças. Se calhar andava. Respirei fundo. Brigar assim com Erik era uma estupidez, e ainda ia acabar por perdê-lo, se não arranjasse maneira de o deixar aproximar-se de mim, sem lhe contar coisas que ele pudesse dar a saber a Neferet, sem querer. Olhei para o chão, a tentar descortinar o que podia e não podia contar-lhe.

— Não acho que sejas leproso algum. Acho que és o miúdo mais giro desta escola.

Ouvi Erik suspirar profundamente. — Bem, já disseste que não namoras com raparigas, pelo que isso deve querer dizer que gostas quando eu te toco.

esco|hida

Ergui os olhos para ele. — E quer. E gosto. — Depois decidi que lhe ia contar a verdade. Ou, pelo menos, tanto da verdade quanto pudesse.

— É que é difícil deixar que te aproximes quando estou a lidar com... *coisas*. — Ah, lindo. Chamara-lhe *coisas*. Sou uma atrasada. Porque é que este miúdo ainda gosta de mim?

— Z, essas coisas têm a ver com saberes lidar com os teus poderes?

— Têm. — Pronto, era praticamente mentira, mas não completamente. Todas as *coisas* (ou seja, Stevie Rae, Neferet, Heath) tinham acontecido devido aos meus poderes e eu tinha de lidar com isso, embora fosse evidente que não me estava a sair nada bem. Senti que era melhor cruzar os dedos atrás das costas, mas tive medo que o Erik reparasse.

Ele deu um passo na minha direcção.

— Então as *coisas* não são porque detestas quando te toco?

— Detestar quando me tocas não faz parte das *coisas*. Decididamente não. De certeza. — Dei um passo para ele.

Ele sorriu e de repente tinha os braços outra vez à minha volta, só que desta vez curvou-se para me beijar. Sabia tão bem quanto cheirava, e o beijo foi bom, e algures no meio apercebi-me do longo tempo que passara sem que eu e Erik tivéssemos uma boa sessão de marmelada. Quer dizer, não sou galdéria nenhuma como a Afrodite, mas também não sou nenhuma freira. E não estava a mentir quando dissera a Erik que gostava quando ele me tocava. Rodeei-lhe os ombros largos com os braços e encostei-me a ele ainda mais. Encaixávamos muito bem. Ele é muito alto, mas eu gosto. Faz-me sentir pequenina e menina e protegida, e também gosto disso. Deixei que os meus dedos brincassem com a nuca dele, onde o cabelo preto cai espesso e um bocadinho encaracolado. As minhas unhas brincaram com aquela pele suave, senti-o estremecer e ouvi o gemido que se formava ao fundo da garganta.

— Sabes tão bem — sussurrou ele perto dos meus lábios.

— Tu também — sussurrei também. Encostei-me a ele e aprofundei o beijo. E depois, num impulso (impulso de galdéria, está

visto) peguei-lhe na mão, que ele tinha ao fundo das minhas costas, e levei-a ao meu peito. Ele gemeu outra vez e o beijo ficou mais intenso e quente. Meteu a mão por baixo da minha camisola e voltou a subir, até ter o meu peito dentro dela, só com o sutiã de renda preta a cobrir a nudez.

Pronto, há que admitir. Gostei que ele me apalpasse a mama. Soube-me bem. Soube especialmente bem por provar a Erik que não o rejeitara. Mexi-me para que ele pudesse acariciar-me melhor e, de algum modo, esse movimento ínfimo e inocente (bem, semi-inocente) fez com que as nossas bocas se desencontrassem e os meus dentes prenderam-lhe o lábio inferior.

O sabor do sangue dele atingiu-me com toda a força, fiquei ofegante. Era rico e quente e indescritivelmente salgado e doce. Sei que parece um nojo, mas não pude evitar a reacção instantânea que tive. Agarrei no rosto de Erik com as duas mãos e puxei-lhe a boca para dentro da minha. Lambi-a ao de leve, e o sangue correu mais depressa.

— Sim, bebe — disse Erik, a voz rouca e a respiração cada vez mais rápida.

Não precisei de mais incentivo. Suguei-lhe o lábio, provei a magia maravilhosa do sangue dele. Não era como o sangue de Heath. Não me causou um prazer tão intenso que era quase doloroso, quase descontrolado. O sangue de Erik não era a rajada de paixão ardente que era o de Heath. O sangue de Erik era como a fogueira de um acampamento, quente e firme e forte. Enchia-me o corpo com uma chama que aquecia um prazer líquido que me chegava aos dedos dos pés, e que me fazia querer mais – mais de Erik e mais do seu sangue.

— Hum-hum!

O som de alguém a pigarrear alto (e bom som) fez com que eu e Erik nos separássemos como se tivéssemos sido electrocutados. Vi Erik arregalar os olhos quando olhou para cima e para trás de mim, e depois vi-o sorrir, coisa que o fez parecer completamente um rapazinho maroto apanhado com a mão na caixa das bolachas (aparentemente, na minha caixa de bolachas).

— Desculpe, Professor Blake. Achámos que estávamos sozinhos.

esco|hida



SEXTO CAPÍTULO

Oh. Meu. Deus. Queria morrer. Queria morrer e ser reduzida a pó e que a brisa me varresse para *qualquer* lado, desde que fosse para longe. Em vez disso, virei-me. Certinho e direitinho, Loren Blake, Poeta Laureado Vampyro e Homem Mais Giro do Universo Conhecido, estava ali especado com um sorriso na beleza clássica do seu rosto.

— Oh, hã, olá — gaguejei, e como se não fosse estupidez suficiente, saiu-me: — O professor está na Europa.

— Estava. Voltei esta noite.

— E como estava a Europa? — Calmo e pausado, Erik passou um braço pelos meus ombros, com toda a descontração.

O sorriso de Loren abriu-se, olhou para Erik e depois para mim.

— Não tão amistosa quanto aqui.

Erik, que parecia estar a divertir-se, riu-se baixinho.

— Bem, não é o sítio, são as pessoas.

Loren levantou uma sobrancelha impecável. — Obviamente.

— A Zoey faz anos. Estávamos só a tratar do beijo de parabéns — disse Erik. — O Professor sabe que eu e a Z namoramos.

Olhei para Erik e para Loren. Quase se podia ver a testosterona no ar entre eles. Credo, estavam mesmo armados em gajos.

Especialmente Erik. Juro que não me teria admirado nada se ele me desse uma palmada na cabeça e me comesse a arrastar dali para fora pelos cabelos. Não era uma imagem mental nada atractiva.

— Sim, ouvi dizer que namoravam — disse Loren. O sorriso dele parecia esquisito — meio sarcástico, quase um esgar. Depois apontou para o meu lábio. — Tens aí um bocadinho de sangue, Zoey. Será melhor limpar isso. — Senti a cara a arder. — Oh, e parabéns. — Virou-se no passeio e dirigiu-se à parte da escola onde ficavam os aposentos particulares dos professores.

— Não sei como é que isto podia ter sido mais constrangedor — disse eu, depois de lamber o sangue do lábio e de compor a camisola.

Erik encolheu os ombros e sorriu.

Dei-lhe uma palmada no peito antes de pegar no vaso da planta e no livro.

— Não sei qual é a graça — disse, e comecei a andar na direcção do dormitório. Naturalmente, ele foi atrás de mim.

— Estávamos só a beijar-nos, Z.

— Tu estavas a beijar. Eu estava a sugar-te o sangue. — Olhei-o de lado. — Oh, e aquilo de teres a mão dentro da minha camisola. Não nos esqueçamos disso.

Ele tirou-me o vaso de alfazema e agarrou-me na mão.

— Não me vou esquecer disso, Z.

Eu já não tinha uma mão livre para lhe dar outra palmada, contentei-me com um olhar furibundo.

— É uma vergonha. Não posso acreditar que o Loren nos tenha visto.

— Foi só o Blake, que nem é professor a tempo inteiro.

— É uma *vergonha* — repeti, desejando deixar de ter calor na cara.

E desejava também poder sugar mais sangue ao Erik, mas não ia falar nisso.

— Eu não tenho vergonha. Estou contente que ele nos tenha visto — disse Erik com ar emproado.

— Contento? Desde quando é que andar na marmelada em

esco|hida

público te excita? — Lindo. Erik era um tarado anormal e eu só agora descobria.

— Não me excito com marmelada em público, mas não deixo de estar contente por termos sido apanhados pelo Blake. — Na voz de Erik já não se sentia a graça, e o sorriso ficara lúgubre. — Não me agrada a maneira como ele olha para ti.

Senti um aperto no estômago. — O que queres dizer com isso? Como é que ele olha para mim?

— Como se não fosses aluna e ele não fosse professor. — Calou-se, mas depois perguntou: — Então não reparaste?

— Erik, acho que estás louco. — Tive o cuidado de não responder à pergunta. — O Loren não olha para mim de maneira nenhuma. — Tinha o coração a bater como se quisesse saltar-me do peito. Raios me partam, claro que reparara na maneira como Loren olhava para mim! Reparara *mesmo*. Até falara nisso a Stevie Rae. Porém, com tudo o que acontecera ultimamente, além de Loren estar fora há quase um mês, eu praticamente me convencera de que imaginara a maior parte do que acontecera entre nós.

— Tu chamas-lhe Loren — observou Erik.

— Pois, como disseste, ele não é professor a sério.

— Eu não lhe chamo Loren.

— Erik, ele ajudou-me a pesquisar novas regras para as Filhas das Trevas. — Era mais um exagero do que uma mentira descarada. Eu pesquisei. Loren estava lá. Conversámos sobre isso. Depois ele tocou-me no rosto. Decidida a não pensar nisso, apressei-me a continuar:

— Além disso, ele perguntou-me das tatuagens. — E perguntara. Ao luar eu desnudara as costas quase todas para que ele pudesse vê-las... e tocar-lhes... e inspirar-se nelas para a sua poesia. Sacudi a ideia daquele raciocínio, e concluí dizendo:

— Por isso, parece que o conheço.

Erik resmungou.

Parecia que a minha cabeça tinha um bando de hamsters a correrem em rodinhas, mas obriguei-me a que a voz me saísse leve e prazenteira.

— Erik, tens ciúmes por causa do Loren?

— Não. — Erik olhou para mim, afastou o olhar, e depois tornou a fitar-me. — Sim. Pronto, talvez tenha.

— Não tenhas. Não há razão para ciúmes. Não se passa nada entre mim e ele, juro. — Toquei-lhe no ombro com o meu. Naquele momento, eu estava a falar a sério. Já era estafante tentar descobrir o que fazer a um Heath sob influência da Impressão. Era só o que me faltava, ter um caso secreto com alguém que me estava ainda mais vedado do que um ex-namorado humano (infelizmente, parece que «era só o que me faltava» geralmente equivale a pedir um desejo).

— Há qualquer coisa nele que não joga bem, para mim — disse Erik.

Tínhamos parado em frente ao dormitório das raparigas e, ainda de mão dada, virei-me para ele e pestanejei com ar inocente.

— Mas também apalpaste o Loren?

Ele resfolegou. — Não é sequer uma possibilidade. — Puxou-me para ele e rodeou-me com um braço. — Desculpa lá ter-me passado por causa do Blake. Eu sei que não se passa nada entre vocês dois. Acho que foram ciúmes, e estupidez.

— Tu não és nada estúpido, e não me importo que sejas ciumento. Ou pelo menos um bocadinho.

— Tu sabes que eu sou louco por ti, Z — disse ele, e curvou-se e aninhou-se na minha orelha. — Quem me dera que não fosse tão tarde.

Estremeci. — Eu também. — Mas já se via o céu a clarear por cima dos ombros dele. Além disso, eu estava esgotada. Entre fazer anos, aturar a minha mãe e o traste do meu padrasto, e ver a minha melhor amiga morta-viva, precisava mesmo de estar sozinha para pensar, e de uma boa noite de sono (no nosso caso, um dia). Contudo, isso não me impediu de me aninhar no Erik.

Ele beijou-me no topo da cabeça e apertou-me.

— Ouve, já sabes quem é que vai representar a terra no Ritual da Lua Cheia?

— Não, ainda não sei — respondi. Caraças. O Ritual da Lua Cheia era daí a duas semanas e eu andava a evitar pensar nisso. Subs-

esco|hiça

tituir Stevie Rae já seria lancinante se ela estivesse só mesmo morta. Saber que ela estava morta-viva e a rondar becos malcheirosos e túneis nojentos na baixa tornava a ideia da substituição completamente deprimente. Para não dizer errada.

— Tu sabes que eu o posso fazer. Basta pedires.

Inclinei a cabeça para olhar para cima. Ele fazia parte do Conselho de Prefeitos, além das Gémeas, de Damien e, claro, de mim própria. Eu era Prefeita Principal, embora seja tecnicamente apenas uma iniciada, e não sénior. A Stevie Rae também fizera parte do conselho. E não, ainda não decidira quem a iria substituir. Na verdade, tinha de Designar, ou escolher, dois alunos para o conselho, e também não pensara nisso. Credo, estava mesmo stressada. Respirei fundo.

— Não te importas de representar a terra no círculo do nosso Ritual da Lua Cheia?

— Na boa, Z. Mas não achas boa ideia fazer um ensaio antes da invocação propriamente dita? Com vocês todos a terem uma afinidade com um elemento ou, no teu caso, com os cinco elementos todos, é melhor assegurarmo-nos de que tudo corre bem com um tipo sem dons lá metido.

— Tu não és exactamente um tipo sem dons.

— Bem, não estava a referir-me aos meus imensos dons para a marmelada.

Revirei os olhos. — Nem eu.

Ele puxou-me mais e fiquei com o corpo colado ao dele.

— Acho que tenho de mostrar-te mais do meu talento.

Ri-me e ele beijou-me. Ainda pude saborear sangue no lábio dele, o que tornou o beijo ainda mais doce.

— Parece que fizeram as pazes — disse Erin.

— Parece mais marmelada do que pazes, Gémea — disse Shaunee.

Desta vez Erik e eu não nos separámos. Apenas suspirámos.

— Não há privacidade nesta escola — resmungou Erik.

— Pudera! Estão na beijoquice à vista de toda a gente — disse Erin.

— Eu cá acho uma ternura — disse Jack.

— Isso é porque tu és uma ternura — disse Damien, e deu o braço a Jack para descerem a escadaria da porta do dormitório.

— Gémea, acho que vou vomitar. E tu? — Ironizou Shaunee.

— De certezinha. De rajada — corroborou Erin.

— Este amor e carinho todo põem-vos enjoadas, hum? —

Perguntou Erik com um brilho malandro nos olhos. O que será que ele estava a tramar?

— Um nojo — asseverou Erin.

— Completamente — anuiu Shaunee.

— Então não estão interessadas no que o Cole e o T.J. me encarregaram de vos perguntar?

— Cole Clifton? — Perguntou Shaunee.

— T.J. Hawkins? — Perguntou Erin.

— Sim, sim, pois, pois — respondeu Erik.

Vi Shaunee e Erin, gémeas na sobrançeria, mudarem instantaneamente as suas atitudes negativas.

— O Cole é *tããã* bom — Shaunee quase ronronava. — Aquele cabelo louro e aqueles olhos azuis malandros dão-me vontade de lhe dar umas palmadas.

— T.J. — Erin abanou-se com ar dramático — o rapaz sabe cantar. E é alto... Oh, ele é *mesmo* bom.

— Esse drama todo quer dizer que afinal estão interessadas em algum amor e carinho? — Perguntou Damien, erguendo o sobrolho com ar presumido.

— Sim, Madame Damien — respondeu Shaunee, enquanto Erin semicerrava os olhos para ele e assentia.

— Então tens algum recado para as Gémeas do Cole e do T.J.? — Perguntei a Erik, antes que Damien respondesse às Gémeas, o que me fez ter saudades de Stevie Rae, pela enésima vez. Ela era muito melhor a manter a paz do que eu.

— Pensamos simplesmente que seria fixe se a Shaunee, a Erin e tu — apertou-me os ombros — viessem ao IMAX connosco amanhã à noite.

— Connosco, tu, o Cole e o T.J.? — Perguntou Shaunee.

— Pois. Ah, e o Damien e o Jack também estão convidados.

esco|hida

— O que é que vamos ver? — Perguntou Jack.

Erik fez uma pausa dramática para dar mais efeito e depois respondeu:

— Passa o *300* especial de Natal no IMAX.

Era a vez de Jack se abanar.

Damien sorriu. — Contem connosco.

— E connosco — disse Shaunee, e Erin assentiu com tanto vigor que o seu cabelo louro comprido abanou por todo o lado, dando-lhe o ar de uma chefe de claque maluquina.

— Sabem, o *300* pode muito bem ser o filme perfeito. Apela a todos — disse eu. — Peitorais para quem de nós gosta. Maminhas para quem de nós gosta. Além de uma grande dose de gajos heróicos, e quem é que não gosta?

— E uma sessão IMAX à meia-noite para quem de nós não gosta da luz do dia — disse Erik.

— A perfeição — sentenciou Damien.

— Completa — corroboraram as Gémeas.

Fiquei ali a sorrir. Era louca por eles. Todos e cada um deles. Ainda tinha sempre saudades de Stevie Rae, mas pela primeira vez num mês sentia-me outra vez eu – satisfeita, feliz até.

— Combinado? — Perguntou Erik.

Todos disseram que sim.

— É melhor voltarmos para o nosso dormitório. Não queremos ser apanhados em terreno sagrado das raparigas depois do recolher obrigatório — brincou ele.

— Pois, é melhor irmos — anuiu Damien.

— Olha, Zoey, parabéns — disse Jack.

Credo, que miúdo mais fofo. Sorri-lhe e disse, — Obrigada, meu querido. — Depois olhei para o resto dos meus amigos. — Desculpem se fui uma parva há bocado. Gosto mesmo das minhas prendas.

— O que quer dizer que vais *usar* as tuas prendas? — Perguntou Shaunee, a semicerrar aqueles olhos perspicazes cor de chocolate.

— Pois, vais usar aquelas botas perdidas de giras que nos custaram 295,52 dólares?

Engoli em seco. As famílias de Shaunee e Erin tinham dinheiro. Em contrapartida, eu não estava *nada* habituada a calçar botas de 300 dólares. Aliás, agora que sabia o quanto tinham sido caras, gostava delas cada vez mais.

— Pois vou, vou calçar aquelas botas *tããã* giras — respondi, a imitar Shaunee.

— O lenço de caxemira também não foi nada barato — atalhou Damien, com altivez. — Eu já disse alguma vez que é feito de caxemira? Cem por cento.

— Já perdemos a conta às vezes — resmungou Erin.

— Eu cá gosto muito de caxemira — assegurei eu.

Jack franzia o sobrolho e olhava para os pés.

— O meu globo de neve não foi assim tão caro.

— Mas é giro, e segue o tema do boneco de neve, e combina na perfeição com o meu belíssimo colar do bonequinho de neve, que nunca hei-de tirar. — E sorri para Erik.

— Nem no Verão? — Perguntou ele.

— Nem no Verão — respondi eu.

Erik sussurrou: — Obrigado, Z. — E beijou-me suavemente.

— Já estou com engulhos — disse Shaunee.

— Náuseas, mesmo — corroborou Erin.

Erik abraçou-me mais uma vez e depois lançou-se atrás de Jack e Damien, que já iam a caminho. Por cima do ombro, ainda disse:

— Então digo ao Cole e ao T.J. que vocês não alinham na beijoquice.

— Diz e serás um homem morto — disse Shaunee com doçura.

— Mortinho da silva — rematou Erin, com a mesma doçura.

Juntei o meu riso ao de Erik, que já se desvanecia, e agarrei no vaso de alfazema, segurei o exemplar do *Drácula* contra o peito, e entrei no dormitório com as minhas amigas. E comecei mesmo a pensar que talvez arranjasse solução para o problema Stevie Rae, e que poderíamos ficar todos juntos outra vez.

Infelizmente, essa ideia revelou-se tão ingénua quanto impossível.